

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE PEDAGOGIA**

ALANA CASAGRANDE SPEROTTO

AS INVESTIGAÇÕES GRÁFICAS E A APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS:

O QUE OS DESENHOS PODEM NOS REVELAR?

ERECHIM

2022

ALANA CASAGRANDE SPEROTTO

AS INVESTIGAÇÕES GRÁFICAS E A APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS:

O QUE OS DESENHOS PODEM NOS REVELAR?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. ^a Dr. ^a Queila Almeida Vasconcelos

ERECHIM

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Sperotto, Alana Casagrande

As investigações gráficas e a aprendizagem das crianças: o que os desenhos podem nos revelar? / Alana Casagrande Sperotto. -- 2022.

65 f.:il.

Orientadora: Prof. Dra. Queila Almeida Vasconcelos

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Pedagogia, Erechim,RS, 2022.

1. Desenho; Investigação Gráfica; Professores. I. Vasconcelos, Queila Almeida, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

ALANA CASAGRANDE SPEROTTO


AS INVESTIGAÇÕES GRÁFICAS E A APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS:

O QUE OS DESENHOS PODEM NOS REVELAR?

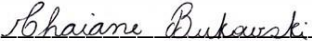
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 25/08/2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Queila Almeida Vasconcelos – UFFS
Orientadora



Prof.^a Me. Chaiane Bukowski – UFFS
Avaliadora



Prof.^a Eduarda da Rosa Vieira – Avaliadora

Dedico este trabalho a mim mesma por não desistir perante os momentos de dificuldades, e a minha família que sempre esteve ao meu lado me ajudando e incentivando.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família por todo carinho, dedicação, compreensão e incentivo nos momentos em que desacreditei de mim mesma e da minha capacidade. Agradeço especialmente minha mãe, Genessi Fátima Casagrande Remes, meu maior e melhor exemplo de ser humano, que desde pequena sempre dizia que para conquistar o que almejamos precisamos ter força de vontade e estudar. Minha mãe, que nem concluiu o ensino médio, poderia escrever um livro com as mais lindas lições que a vida pode nos dar, visto que ela, passou por diversas dificuldades, mas nunca desistiu perante nenhuma delas. A você Mãe, toda e qualquer conquista minha, é tua também. Agradeço também a meu padrasto, Carlos Remes, meus irmãos, namorado, e todos que de alguma maneira me incentivaram para que concluísse essa trajetória.

Agradeço imensamente também minha orientadora, Queila Almeida de Vasconcellos por toda a ajuda, dedicação e disponibilidade na elaboração desta pesquisa. Pelas escutas, falas, acolhimento e auxílio, meu muito obrigado! Esta construção só foi possível, pois tive você ao meu lado.

Agradeço também os amigos de profissão e da faculdade, que estiveram ao meu lado durante os momentos de dificuldade e anseios, mas que também estiveram nos momentos felizes tornando este percurso mais prazeroso.

A Universidade Federal da Fronteira Sul por oportunizar que o sonho da Graduação se tornasse real, bem como, a honra em ter cursado uma universidade pública, gratuita e de qualidade, tornando-me um sujeito mais crítico e reflexivo para atuar na sociedade. Gratidão também, a todos os docentes que passaram por esta caminhada contribuindo significativamente com seus ensinamentos.

Trabalhar o olhar sensível, aguçar a escuta, saber admirar-se e estranhar o familiar, procurar entender o mundo no qual estamos inseridos e nele deixar nossas marcas; criar. É a partir dessa inesgotável transformação e reapropriação da realidade que entendo o desenho infantil (LEITE, 1998, p. 153).

RESUMO

A presente pesquisa intitulada “*As investigações gráficas e a aprendizagem das crianças: o que os desenhos podem nos revelar?*”, apresenta o resultado de um projeto de qualificação gráfica realizado com crianças de seis e sete anos. Esta pesquisa tem como objetivo demonstrar as aprendizagens e o desenvolvimento do grafismo infantil através da representação de dois objetos em uma proposta com quatro desenhos sem cor e quatro desenhos coloridos. A metodologia escolhida foi a pesquisa-ação, realizada com vinte e duas crianças de uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental em uma escola Pública do interior do Rio Grande do Sul. A turma foi escolhida por ser na qual a pesquisadora atua, pois de acordo com Coelho (2019), na pesquisa-ação o pesquisador e os participantes se envolvem na situação de modo a participar e colaborar. As descrições das etapas do processo investigativo que originou esta pesquisa estão separadas em seis seções que abordam o desenvolvimento da pesquisa, as aprendizagens docentes e uma entrevista com as crianças que participaram desta proposta. É importante destacar também que, esta pesquisa tem foco as crianças, por isso foram elaboradas estratégias que as tornassem sujeitos ativos na construção deste trabalho. Desenvolver e acompanhar as etapas deste processo de investigação gráfica nos faz compreender e refletir que as crianças expressam seus sentimentos durante este ato, mas também, representam símbolos que estão gravados em sua memória, e por isso, alguns desenhos aparecem estereotipados. Evidencia-se que as propostas sobre desenhos devem ser preparadas com intencionalidade e elaboradas de forma a aumentar o repertório gráfico das crianças para que construam representações mais reais e significativas, pois, os desenhos são momentos de suma importância e ricas possibilidades dos sujeitos demonstrarem sua forma de ver o mundo, sua imaginação, criatividade e expressão.

Palavras-chave: Investigação gráfica. Desenho, Crianças.

ABSTRACT

The present research entitled “Graphic investigations and children's learning: what can drawings reveal to us?”, presents the result of a graphic qualification project carried out with children aged six and seven. This research aims to demonstrate the learning and development of children's graphics through the representation of two objects in a proposal with four colorless drawings and four colored drawings. The methodology chosen was action research, carried out with twenty-two children from a first year class of Elementary School in a public school in the in Rio Grande do Sul' countryside. The class was chosen because it is in which the researcher works, because according to Coelho (2019), in action research, the researcher and the participants get involved in the situation in order to participate and collaborate. The descriptions of the stages of the investigative process that gave rise to this research are separated into six sections that address the development of the research, teaching learning and an interview with the children who participated in this proposal. It is also important to highlight that this research focuses on children, so strategies were developed to make them active subjects in the construction of this work. Developing and following the steps of this graphic investigation process makes us understand and reflect that children express their feelings during this act, but also represent symbols that are engraved in their memory, and therefore, some drawings appear stereotyped . It is evident that the proposals on drawings must be prepared with intention and elaborated in order to increase the children's graphic repertoire so that they can build more real and meaningful representations, because the drawings are moments of paramount importance and rich possibilities for the subjects to demonstrate their own way to see the world, their imagination, creativity and expression.

Keywords: Graphic investigation. Drawing. Children.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - As fases do desenho	19
Quadro 2 - 1ª Investigação Gráfica	27
Quadro 3 - 2ª Investigação Gráfica	27

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Acordo criado pelas crianças participantes	26
Figura 2 - Propostas realizadas sem cores (Joaquim)	31
Figura 3 - Propostas realizadas sem cores (Gustavo)	32
Figura 4 - Propostas realizadas sem cores (Eloah)	33
Figura 5 - Propostas realizadas com cores (Joaquim)	34
Figura 6 - Propostas realizadas com cores (Gustavo)	35
Figura 7 - Propostas realizadas com cores (Gabrielli)	36
Figura 8 - Imagem da árvore e das flores	38
Figura 9 - Realce das cores da flor no desenho	39
Figura 10 - Desenho estereotipado de flor do Gustavo e da árvore do Joaquim	43
Figura 11 - Desenho da árvore do Joaquim na segunda e terceira etapa	44
Figura 12 - Desenho da flor do Gustavo na segunda e terceira etapa	44
Figura 13 - Desenho da flor do Joaquim na primeira etapa	48
Figura 14 - Desenho da última etapa da flor do Gustavo	55
Figura 15 - Árvore com textura do Joaquim	56

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 O GRAFISMO INFANTIL E A ESCOLA.....	16
3 PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	23
3.1 O CONTEXTO	24
3.2 A ÉTICA NA PESQUISA.....	25
3.3 ETAPAS DA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA.....	26
4 APRESENTAÇÃO DAS INVESTIGAÇÕES GRÁFICAS	30
5 APRENDIZAGENS DOCENTES: RESSIGNIFICANDO CONCEPÇÕES SOBRE O DESENHO.....	37
5.1 OS ESTEREÓTIPOS PRESENTES NOS DESENHOS	42
5.2 O TAMANHO DAS APRESENTAÇÕES.....	47
5.3 RELAÇÕES COM OS RECURSOS GRÁFICOS.....	50
6 PELO OLHAR DAS CRIANÇAS: APRENDIZAGENS A PARTIR DOS SEUS DESENHOS.....	52
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	62
ANEXOS	64

1 INTRODUÇÃO

Ao realizar o estágio de Educação Infantil, em 2021, com uma turma de Pré 2 (crianças de 5 anos a 6 anos), percebeu-se que as crianças dessa turma tinham muito interesse em desenhar, desta forma os desenhos e as diferentes técnicas que possibilitavam novas criações se tornaram a fonte principal dos planejamentos. Ao término do estágio, analisando os trabalhos das crianças, constatou-se a evolução destes nas suas criações, que no início eram abstratas e com garatujas, no final do processo continham uma riqueza de detalhes, narrativas específicas e uma variedade de cores.

Nesse mesmo ano, no segundo semestre, assumi como professora regente uma turma de Pré 1 (crianças de 4 anos a 5 anos), observando as crianças dessa turma, notei que elas também adoravam brincar em um espaço da sala, denominado “Canto dos Desenhos”, sendo assim, as propostas que envolviam esta temática eram mais bem aceitas pela turma. Nestes seis meses finais do ano, organizei para as crianças, um livro dos desenhos que elas desenvolveram no cotidiano naquele espaço da sala de aula. Alguns desenhos vinham repletos de histórias e narrativas, o qual foi sendo anotado, essas depois fizeram parte deste livro. Quando terminei de montar o livro, enquanto o mostrava para meus alunos, juntos observamos a evolução dos desenhos, as próprias crianças faziam observações acerca disso.

Por entender que os desenhos fazem parte do desenvolvimento das crianças, bem como também são momentos de expressão e representação da sua visão de mundo, este tema gera indagações que com este trabalho gostaria de investigar, bem como, utilizar este trabalho como forma de contribuição para o trabalho diário na escola, visto que, muitas vezes os professores não valorizam estas representações das crianças.

Os desenhos nos revelam diversas características das crianças e promovem o aprimoramento da criatividade, visto que, ao trabalhar de forma contínua e com diferentes materiais, as crianças imaginam, criam, interagem consigo mesmas e com os outros, exploram e conhecem novas maneiras de representar e demonstram experiências pessoais. Como nos afirma Almeida (2003, p. 27) “[...] as crianças percebem que o desenho e a escrita são formas de dizer coisas. Por esse meio elas podem “dizer” algo, podem representar elementos da realidade que observam, e com isso, ampliar seu domínio e influenciar sobre o ambiente”.

Ao desenhar a criança também pode expressar emoção, medo, alegria, curiosidades, dificuldades, facilidades, verdades, expressando no papel vivências e processos do dia a dia.

Como Derdyk (1994, p. 51) coloca que “O desenho é a manifestação de uma necessidade vital da criança: agir sobre o mundo que a cerca, intercambiar, comunicar. A criança projeta no seu desenho o seu esquema corporal, deseja ver a sua própria imagem refletida no espelho do papel”.

Este ato de desenhar permite que a criança aprimore suas habilidades motoras e de imaginação, pois ao riscar, a criança usa movimentos que a permitem ter controle do próprio corpo, inclusive aprendendo a lidar com as delimitações do espaço, seja de uma folha de papel ou do ambiente onde está realizando a atividade.

Diante disto a escola deve valorizar estes momentos de expressão e criatividade das crianças através dos desenhos, pois este sujeito está manifestando seus sentimentos, anseios, descobertas, desenvolvendo seu pensamento e sua autonomia.

Desse modo, os professores, em seu trabalho pedagógico, devem oferecer espaços, contextos e materiais que possibilitem às crianças criarem diferentes situações e brincadeiras, trocar experiências entre elas, aprimorar a criatividade e a imaginação. Assim:

O trabalho pedagógico, por meio da organização e proposição de experiências, tem como intencionalidade criar contextos diversificados e contínuos de exploração, descobertas, criação, imaginação e aprendizagem que venham ao encontro daquilo que as crianças demandam no momento. Nesse sentido, os professores precisam organizar ações de modo a possibilitar às crianças experiências diversas, por meio da interação com os pares, com os adultos e com diferentes espaços e objetos (LOSS; SOUZA; VARGAS, 2019, p. 68).

Esta pesquisa tem como ponto principal, a investigação gráfica que consiste na análise de uma proposta sequencial de desenhos, de um mesmo objeto, utilizando diferentes convites e recursos, para viabilizar as aprendizagens das crianças, referentes às suas representações. Esse trabalho foi possível, pois ao acompanhar as etapas, avaliar e complexificar as experiências gráficas das crianças, com o intuito de que as crianças possam reconhecer e investir em suas aprendizagens, bem como compartilhar esse processo com a comunidade escolar.

É importante destacar também, que no planejamento das propostas e ações que foram desenvolvidas durante esse trabalho, a continuidade foi fundamental, pois assim a experiência se tornou concreta e significativa, visto que a criança se desafiaram, experimentaram e manusearam diversos materiais, criaram diferentes hipóteses, explorando de forma completa a

proposta. Como nos apontam Loss, Souza e Vargas (2019, p. 71) “[...] o tempo das crianças na escola não pode ser apenas um tempo de passagem e sim um tempo sentido, vivido com intensidade para construir uma experiência educativa que se configure em aprendizagem”, e para que o tempo realmente seja vivenciado, precisamos propor experiências significativas para que as crianças construam seu conhecimento em diferentes contextos.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, também foram realizados registros de observações, criados a partir de anotações. Assim, é possível demonstrar meu olhar enquanto professora e pesquisadora, sobre as situações e propostas vivenciadas, mostrando as ações das crianças nos contextos proporcionados, bem como a valorização dos seus interesses e as mudanças observadas a longo prazo.

Ao registrar o que observa, diariamente, cada professor reflete sobre a evolução do seu próprio trabalho e sobre suas posturas pedagógicas. O que escreve, como escreve e sobre quem escreve são reflexos daquilo que faz, de como faz, de como pensa sobre cada criança, de como pensa sobre cada currículo, sobre questões afetivas e atitudinais, entre outros (HOFFMANN, 2012, p. 112).

Assim, ressalto que, o maior interesse com esta pesquisa é as representações dos sujeitos, podendo demonstrar através das suas criações gráficas suas aprendizagens, dessa forma, espero que este trabalho possa ajudar outros professores a enxergarem os desenhos das crianças com outros olhos.

2 O GRAFISMO INFANTIL E A ESCOLA

Alguns meses atrás, enquanto passava pelos corredores da escola em que trabalho, me deparei com um cartaz feito pelas crianças de uma turma que estava realizando um projeto sobre moradias. Nesse cartaz, as crianças representaram através de desenhos as suas casas, fiquei encantada com as diferenças e riquezas de detalhes naquelas produções. Nenhum dos desenhos eram iguais, cada casa era de um formato, de cores diferentes, algumas tinham calçada, grades nos muros e jardins, outras tinham janelas grandes e portas enormes, umas até eram de dois pisos. Lembrei-me das vezes que desenhei uma casa, e percebi que só sabia desenhar um modelo, e que por acaso, era igual ao modelo de casa dos meus irmãos, da minha mãe e dos meus colegas na escola. Por um tempo, fiquei refletindo e percebi que muitas pessoas só sabem desenhar um modelo de casa, aquele, com uma base quadrada, um telhado triangular, uma chaminé no telhado, uma porta e duas janelas.

Crescemos entendendo que o normal era todos fazermos as mesmas coisas, a mesma casa e a mesma árvore. O caule da árvore era marrom, mesmo sabendo e vendo que, os troncos são de diferentes cores alguns marrons, outros verdes, alguns tem musgos, outros tem espinhos, algumas árvores mais velhas e secas ficam cinzas, mas a escola cobrou que a cor do tronco era marrom, a copa da árvore era verde, cheia de flores e frutos. Como se todas as árvores fossem assim. Crescemos reproduzindo os mesmos desenhos, e quando alguém ousava fazer diferente vinha um comentário dizendo que não era assim que se fazia. Cunha (2014, p.14) esclarece que “[...] foram fixadas formas padronizadas como a casinha, a árvore com maçãs, as nuvens azuis, o sol, as flores, a figura humano de palito, organizando-se um repertório reduzido de formas que chamamos de estereótipos”.

Precisei mudar meu conceito de criança, de infância, de liberdade, de expressão e de desenho, para entender como a imaginação e a criatividade das crianças estão presentes nas suas vivências, para compreender, que seus desenhos contêm enredos e narrativas, que até uma linha riscada em uma folha de papel, pode ter uma história. Neste sentido, concordo com a definição de Leite (1998, p.135) “Trabalhar o olhar sensível, aguçar a escuta, saber admirar-se e estranhar o familiar, procurar entender o mundo no qual estamos inseridos e nele deixar nossas marcas; criar. É a partir dessa inesgotável transformação e reapropriação da realidade que entendo o desenho infantil”.

Desde a antiguidade, o desenho é utilizado geralmente nas escolas como uma forma de comunicar e expressar, ele se enquadra nas disciplinas denominadas Artes ou Educação Artística. Durante muitos anos o Ensino da Arte estava excluído nas escolas, não era considerado importante e era utilizado como forma de ocupar o tempo livre das crianças. Era uma matéria que não merecia destaque na grade curricular, que mesmo estando presente, não recebia a devida importância. Os Parâmetros Curriculares Nacionais nos mostram que:

Desde o início da história da humanidade a arte sempre esteve presente em praticamente todas as formações culturais. O homem que desenhou um bisão numa caverna pré-histórica teve que aprender, de algum modo, seu ofício. E, da mesma maneira, ensinou para alguém que aprendeu. Assim, o ensino e a aprendizagem da arte fazem parte, de acordo com normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural, do conhecimento que envolve a produção artística em todos os tempos. No entanto, a área que trata da educação escolar em artes tem um percurso relativamente recente e coincide com as transformações educacionais que caracterizaram o século XX em várias partes do mundo (BRASIL, 2001, p.21).

A vivência artística das crianças é repleta de sentimentos, valores e significados, pois com essas experiências, elas se desenvolvem cognitivamente, além de estabelecer relação com as expressões corporais e os laços afetivos. E é através do desenho que a criança descobre maneiras de manifestar a forma como ela enxerga o mundo, como Derdyk (1989, p.51) aborda, “O desenho é a manifestação de uma necessidade da criança: agir sobre o mundo que a cerca; intercambiar, comunicar”.

A Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 193) nos mostra que “A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores. A prática artística possibilita o compartilhamento de saberes e de produções entre os alunos [...]”.

Na escola, é muito comum os professores despejarem técnicas de pintura e desenho para que as crianças “aprendam a desenhar” nas perspectivas dos adultos, mas acabam esquecendo que antes disso, as crianças precisam aprender a manusear e ter contato com os diferentes materiais dispostos, para isso, as propostas precisam ter continuidade e tempo para serem realizadas, pois o fato de acelerar as ações das crianças, principalmente quando estão desenhando, faz com que elas não consigam expressar e manifestar seu imaginário pessoal da forma como gostariam (DERDYK, 1989).

Quando as crianças iniciam o processo de representação, ainda bem pequenas, costumam ultrapassar os limites das esferas destinadas aos seus desenhos. Com o tempo, vão percebendo e conhecendo o tamanho do papel, nele vão depositando a concretização do seu imaginário e dos seus desejos. Com isso, “O ato de desenhar exige poder de decisão. O desenho é posse, é revelação. Ao desenhar, nos apropriamos do objeto desenhando, revelando-o. O desenho responde a toda forma de estagnação criativa, deixando que a linha flua entre os sim e não da sociedade” (DERDYK, 1989, p. 34).

A linguagem gráfico-plástica acontece através de um processo. Muitas vezes, nós, adultos, esperamos que as crianças realizem desenhos ricos de detalhes e próximos da realidade desde o início. Cunha (2014, p. 29) ressalta que “Não se pode esquecer que a constituição do vocabulário visual (formas, linhas, cores, espaços, pontos, volumes, etc.) também se estrutura aos poucos, e modifica-se na medida em que a criança entra em contato com os materiais, instrumentos e com a própria linguagem visual”.

Em outras palavras, quanto mais as crianças tiverem acesso e contato com diferentes materiais, objetos, técnicas de pintura e desenhos, maior serão as possibilidades destas crianças terem um vocabulário pictórico avançado.

De acordo com Derdyk (1989), os desenhos infantis foram peças de estudo de pedagogos, psicólogos, professores e artistas. A partir destas representações foram criadas milhares de hipóteses e teorias, a fim de compreender a inteligência e a capacidade mental das crianças enquanto desenhavam, alguns teóricos como Piaget (1976), Lowenfeld (1976), Luquet (1969) e outros, foram importantes no processo de compreensão das produções gráficas das crianças. Cunha (2014, p. 51), apresentam aspectos importantes sobre o desenvolvimento gráfico-plástico das crianças: “As crianças de um ano e meio a sete anos transitam pelo período sensório-motor (garatuja ou rabiscos básicos), pelo período simbólico (pré-esquema ou representativo) e iniciam o período concreto (esquema ou regras)”.

O quadro abaixo mostra as diferentes classificações das fases do desenho, de acordo com os autores citados anteriormente:

Quadro 1 - As fases do desenho

BERSON (Mèredieu 2006)	LUQUET (1969)	LOWENFELD (1976)	PIAGET (1976)
Estágio Vegetativo Motor	Realismo Fortuito	Rabiscção Desordenada ou Garatuja: - Rabiscção Longitudinal; - Rabiscção	Garatuja: - Desordenada; - Ordenada
Estágio Representativo	Realismo Fracassado	Figuração Pré-Esquemática	Pré-Esquematismo
Estágio Comunicativo	Realismo Intelectual	Figuração Esquemática	Esquematismo
	Realismo Visual	Figuração Realista	Realismo
			Pseudo Naturalista

Fonte: Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade (2016, p. 173)

É importante lembrar, que cada criança vivencia esses períodos de uma forma diferente, visto que, cada uma tem seu modo e ritmo de interagir. Diante disso, os professores precisam pensar em formas diferentes de intervenções pedagógicas, respeitando o tempo, as particularidades, a criatividade e as descobertas de cada sujeito.

Só conseguimos compreender e valorizar os desenhos quando nos apropriamos desse território verdadeiramente, quando também vivenciamos e experienciamos o ato de desenhar. O adulto só consegue se aproximar e entender o grafismo infantil quando reconhece a sua criatividade. Derdyk (1989, p. 38) afirma que “Ao resgatar o processo de aquisição da linguagem gráfica, retomando as descobertas e as frustrações que envolvem o ato de desenhar, revivendo as operações mentais e as práticas exigidas pelo desenho, surgirá uma forma inédita e pessoal de se relacionar com o universo infantil [...]”.

Segundo Cunha (2014), é de suma importância que os professores percebam que a sua representação visual colabora e influencia na forma como as crianças vão criar suas representações visuais. Ressalva ainda que neste processo de apropriação da arte, os professores precisam “[...] brincar com os materiais, não tendo medo de mostrar suas próprias descobertas formais, espaciais e colorísticas, lançando-se junto com as crianças na aventura de criar o inusitado, acompanhando o processo expressivo infantil junto com o seu próprio processo” (CUNHA, 2014, p.14).

Seguindo a mesma lógica, Madalene Freire (1995, p. 105), acrescenta que

criar espaços onde esse educador entre em contato com seu processo criador em outras linguagens - verbal e não verbal -, apurando seu ser sensível. Espaço de desvelar/ampliar seus referenciais pessoais e culturais para exercitar também a organização, a sistematização e a apropriação do conhecimento.

É de suma importância o que as crianças querem nos dizer através das suas representações e desenhos, pois geralmente, estes desenhos estão materializando sua imaginação e memória, dessa maneira, estão se expressando de forma a deixar sua marca.

Em nosso trabalho diário, como professores, ainda precisamos aprender a como valorizar as criações das crianças. Muitas vezes não prestamos atenção no que elas estão nos dizendo e nos mostrando através dos seus desenhos, quantas vezes somos presenteadas com os desenhos das crianças e mal os observamos. Quanta criatividade ela demonstrou naquele pedaço de papel, quanto carinho colocou naquela representação, quanta imaginação e felicidade constituíram aquela produção.

Ainda nessa perspectiva, enquanto professores, temos o hábito de questionar o que a criança desenhou perguntando “o que é?” e esperamos que as respostas tenham alguma intencionalidade. O ato de desenhar nem sempre é realizado com intenções, e quando os adultos fazem este tipo de questionamento para as crianças, muitas vezes, estão tentando convencer sua própria expectativa adultocêntrica.

Inicialmente, sentido e não sentido apresentam um interesse mínimo para a criança, tão absorvida que ela está no manejo de matérias e formas. Querer então descobrir a significação de um desenho infantil, equivale aquela mesma atitude de procurar compreender, a qualquer preço, “o que quer dizer” uma tela abstrata (MÈREDIEU, 1989, p. 17).

Enquanto os sujeitos desenham estão sendo livres, demonstrando aspectos da sua realidade e do seu universo pessoal, expondo suas expectativas e seus sentimentos. Quando os professores entregam atividades prontas para serem coloridas pelas crianças, reflete-se sobre um aspecto: Como as crianças vão demonstrar sua visão de mundo, sua criatividade, suas potências e principalmente, seu protagonismo quando entregamos um desenho pronto para

elas? Quando realizamos atividades como esta, estamos tirando das crianças todas as suas narrativas.

Trabalhar com xerox de desenhos limita a capacidade de criação das crianças, pois elas precisam se preocupar apenas em pintar dentro das linhas. Quando entregamos o xerox de um desenho para uma turma de crianças, tudo o que vamos ter após a atividade, é o mesmo desenho feito por todos.

Por isso, precisamos criar diferentes propostas e oportunidades para que as crianças possam se expressar de diferentes maneiras, criando enredos, narrativas e histórias diferentes umas das outras. Além disso, durante as atividades, os professores devem desafiar as crianças e propor que elas explorem os materiais e as suas possibilidades, tornando as propostas com desenho momentos instigantes, de descobertas e de formulação de hipóteses (CUNHA, 2014).

É possível ainda, associar o ato de desenhar com o brincar, pois ao desenhar, a criança está se divertindo, mas também pode ser associado com o conceito de jogar, visto que, ela mesma inventa suas regras. Um jogo em que a criança está aprendendo a ser ela mesma, fazendo da folha de papel, um palco com representações do seu próprio universo.

E nesta brincadeira ou jogo que é o desenhar, inclusive precisamos explorar e incentivar outras modalidades das artes visuais, como os desenhos tridimensionais e as atividades de corte e colagem, desta forma, os sujeitos aprendem e vivenciam diferentes possibilidades.

Bem como proporcionar momentos em que as crianças possam observar, manusear e misturar as cores, pois ao ter contato com as cores e as diferentes formas de utilizá-las as crianças aprimoram sua coordenação motora, sua cognição, seu raciocínio e tato.

Além de proporcionar atividades concretas e construtivas, o uso das cores na escola pode promover o desenvolvimento da integração social da criança, por meio de seus sentimentos que podem ser expressos também pelas cores. Pelo uso das cores é possível também o desenvolvimento de conhecimentos específicos das artes visuais (COSTA, 2015, p.11).

É importante destacar que as atividades, as quais envolvem a arte na educação infantil, precisam acontecer de forma contínua e com propostas interligadas, desta forma, o processo

se tornará significativo para as crianças. Cunha (2014, p. 52) ressalta que “É importante que o professor organize seu trabalho como uma novela, em que a história vai se desenvolvendo gradativamente, com os mesmos personagens, às vezes com tramas paralelas que se cruzam, gerando outras alternativas para o enredo”.

Ao finalizar, destaco que mesmo ressaltando todos os pontos positivos e interessantes do grafismo infantil, ainda precisamos considerar que nem todas as crianças gostam de desenhar e que algumas preferem se expressar através de outros(as) formas/instrumentos como cantar, dançar, pintar e construir. Derdyk (1989), nos mostra que, as crianças demonstram seu imaginário e sua criatividade de diferentes maneiras e de acordo com sua urgência expressiva.

3 PERCURSOS METODOLÓGICOS

É importante iniciar a sessão caracterizando a metodologia. Segundo Deslandes, Neto e Gomes (1994, p. 16) “Entendemos por *metodologia* o caminho do pensamento e a prática exercida, na abordagem da realidade”. Diante do exposto, para a construção do presente Trabalho de Conclusão de Curso foi realizada uma pesquisa qualitativa, que segundo Coelho (2019), é uma abordagem que

[...] considera que existe uma relação entre o mundo e o sujeito além daquela traduzida em números. Nessa abordagem, o objetivo central da pesquisa é entender a explicação de algum fenômeno. Ou seja, há subjetividades e nuances que não são quantificáveis. Então, essa modalidade de pesquisa é descritiva, a partir de análises, de maneira geral, indutivas.

Por ter como objetivo a realização desta pesquisa tendo as crianças como os atores participantes do processo investigativo, este trabalho também se caracteriza como uma pesquisa-ação. De acordo com Coelho (2019), na pesquisa ação o pesquisador e os participantes se envolvem no problema ou na situação de modo a participar e colaborar.

Observar as produções criadas pelas crianças também se caracteriza como análise documental. Este modelo de pesquisa é uma “técnica de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de tema ou um problema” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 38).

A análise documental possui algumas vantagens, como nos relatam Guba e Lincoln (1981, *Apud* LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 39), tais como o fato de os documentos poderem ser consultados quando forem necessários, constituindo-se como fontes ricas e estáveis.

Desta forma, após realizar os trabalhos com a pesquisa-ação, iniciei uma análise documental visando observar, entender as mudanças e aprendizagens das crianças através do ato de desenhar, bem como, pensar e elaborar estratégias para que este trabalho também servisse como inspiração no trabalho diário dos professores que pouco valorizam o grafismo infantil.

3.1 O CONTEXTO

A presente pesquisa foi realizada em uma escola pública no município de Erechim-RS. A escola atende cerca de 1.119 estudantes, distribuídos em turmas nos níveis da Educação Infantil e Ensino Fundamental. A maior parte dos estudantes que frequentam a escola moram nas proximidades, devido a isso, a comunidade escolar é bastante ativa e participativa dentro do ambiente escolar. É importante ressaltar, que essa escola foi palco deste trabalho, pois atuou diariamente nessa instituição como professora bi docente¹, atendendo as demandas e especificidades de um aluno com deficiência.

A turma que participou do processo de investigação gráfica é do primeiro ano do Ensino Fundamental, sendo composta por 22 crianças com 6 anos de idade. Porém no âmbito de análise foram escolhidas as representações de um grupo de quatro crianças, sendo 2 meninas e 2 meninos, tendo em vista o tempo disponível para a realização da pesquisa.

As quatro crianças foram escolhidas após analisar detalhadamente alguns aspectos que se destacaram na categorização, sendo eles os estereótipos dos desenhos, as diferenças, semelhanças e a relação das crianças com os materiais durante a pesquisa.

É válido ressaltar que, durante a realização das etapas das duas investigações gráficas, algumas crianças demonstraram mais interesse em participar e algumas menos. Dessa forma, o trabalho que tinha como objetivo aprimorar as aprendizagens das crianças, bem como, aumentar o repertório de símbolos e projeções, também serviu para mostrar que algumas crianças não se sentiram cativadas ou motivadas a se desafiar e mudar sua forma de representar, visto que, seus desenhos permaneceram bastante parecidos da primeira até a última etapa. Segundo Barozzi (2015),

A participação é um convite e que acontece pela acolhida ao outro. As crianças convidam a colher outros pontos de vista diferentes. Convidam a ter paciência, escutar, dar espaço para quem se expressa de forma peculiar. Participação é dar tempo para pensar sobre o que foi discutido, mas é também voltar a falar sobre o que antes foi dito (*Apud* VASCONCELOS, 2015, p. 32).

¹ O professor bi docente atende as demandas das turmas que possuem estudantes com deficiência (Helmann (2016).

Entendo hoje que para essas crianças, preciso encontrar novas formas de apresentar a proposta, trabalhar com novos objetos e não desistir delas fingindo que compreenderam o processo. Pelo contrário, é com essas crianças que preciso dedicar ainda mais minha atenção e meu olhar para que elas sintam mais conforto e prazer em participar das propostas, afinal, é para isso que serve uma investigação gráfica, para aumentar e enriquecer o repertório pictográfico das crianças, para conhecer o real e criar representações mais significativas.

3.2 A ÉTICA NA PESQUISA

Durante este percurso a ética foi outro aspecto importante e deve ser mencionado. As pesquisas que tem como foco as crianças, precisam torná-las atuantes neste processo, não somente em seus desenhos, falas ou atitudes observadas pelo olhar do pesquisador, mas também devem estar presentes durante o processo de construção e apresentação dos resultados.

Kramer (2002, p.51), afirma e nos faz refletir que:

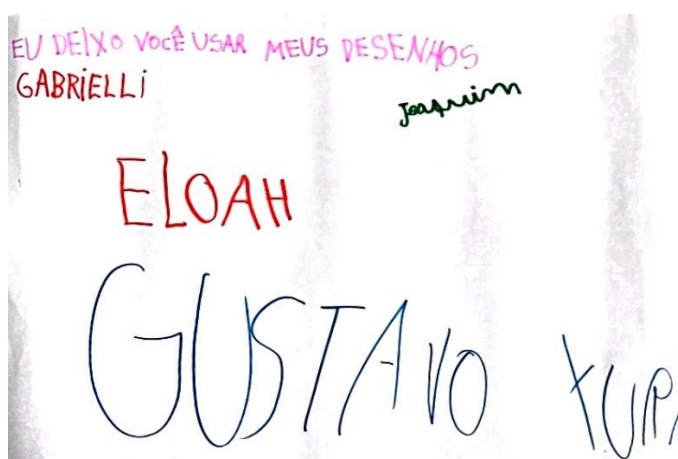
[...] a criança é sujeito da cultura, da história e do conhecimento. Pergunto: é sujeito da pesquisa? Embora os estudos transcrevam seus relatos, elas permanecem ausentes, não podem ser reconhecidas no texto que é escrito sobre elas e suas histórias, não podem ler a escrita feita com base e a partir dos seus depoimentos. As crianças não aparecem como autoras dessas falas, ações ou produções. Permanecem ausentes.

Desta forma, além de afirmar o consentimento dos participantes neste trabalho, pensei e repensei formas de colocar as crianças que participaram dessa pesquisa, mais presentes durante os relatos e apresentação das informações. Para isso, inicialmente, realizamos uma conversa onde expliquei as etapas da investigação gráfica e de que forma utilizaria as representações deles no trabalho.

Adiante, realizei uma roda de conversa com os quatro participantes, para que eles pudessem observar e expor seus pensamentos a partir da realização das investigações gráficas, criei uma sessão nesse texto dedicada para os relatos e as aprendizagens que as próprias crianças conseguiram a partir dos seus grafismos.

Para finalizar, perguntei para as crianças se elas autorizavam o uso dos seus desenhos e como poderíamos registrar este acordo. Os quatro participantes autorizaram a utilização, optamos juntos por escrever e colocar as assinaturas dos seus nomes. É válido ressaltar que, os participantes estão no primeiro do ano do Ensino Fundamental, por isso escolheram escrever seus nomes, pois é a linguagem que mais estão utilizando. Abaixo, apresento a imagem do acordo criado e assinado pelas principais protagonistas dessa pesquisa:

Figura 1 - Acordo criado pelas crianças participantes



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

Nesse sentido, escolhi reunir as produções das crianças feitas durante a pesquisa e entregar para elas, juntamente com algumas fotos deles durante os processos, como forma de demonstrar a importância que eles tiveram durante a construção desse trabalho, bem como, agradecer por suas contribuições que tornaram o trabalho mais reflexivo e significativo para mim, enquanto pesquisadora e professora.

Ainda sobre a ética, ressalvo que, as famílias das crianças participantes desse trabalho, também receberam um termo de consentimento que explicava as etapas e os objetivos desta pesquisa. Assim, podiam optar por autorizar ou não a participação da criança no processo, o termo enviado para as famílias encontra-se nos apêndices do trabalho.

3.3 ETAPAS DA CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

Para realizar a pesquisa-ação, foi proposto para as crianças, na turma do primeiro ano do Ensino Fundamental em que atuo como professora bi docente, quatro desenhos de observação sobre o mesmo objeto sem colori-lo e quatro desenhos de observação de um outro objeto, mas dessa vez, utilizando cores. Para cada etapa em que as crianças realizaram as representações gráficas, foi preparado um ambiente adequado, bem como, foram separados os materiais necessários para a realização da proposta.

Kaipper (2018) em sua especialização desenvolveu um trabalho parecido com o que apresento. Em sua pesquisa intitulada “Os ciclos de simbolização em um grupo de crianças de 2 anos” ela planejou e abordou sete propostas que propiciavam o ato de desenhar, através da observação de uma melancia e utilizando diferentes materiais riscantes, para demonstrar a construção dos traços das crianças a partir de cada ciclo. A presente pesquisa, foi inspirada em trabalhos como o citado, mas elaborada a partir de outras perspectivas.

A primeira investigação gráfica se constitui de quatro etapas, utilizando apenas canetinha preta ou lápis 3B, como nos mostra o quadro abaixo:

Quadro 2 - 1ª Investigação Gráfica

1ª Investigação Gráfica: canetinha preta ou lápis 3B	
Etapas	Proposta
1º Etapa	Desenho de um objeto.
2º Etapa	Desenho a partir da fotografia do objeto proposto.
3º Etapa	Desenhar o objeto observando-o in loco.
4º Etapa	Desenvolver a primeira etapa novamente.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A segunda proposta para a investigação gráfica se constitui das mesmas quatro etapas da proposta anterior, mas nessa utilizamos as cores:

Quadro 3 - 2ª Investigação Gráfica

2ª Investigação Gráfica: cores	
Etapas	Proposta
1º Etapa	Desenhar um objeto e colorir. Diversos lápis de cor serão oferecidos para que a criança escolha como preferir.
2º Etapa	Desenho a partir da fotografia do objeto proposto. Colorir de acordo com os tons das cores da imagem. Selecionar com as crianças os lápis de cor previamente.
3º Etapa	Desenhar o objeto observando-o in loco. Colorir de acordo com os tons das cores do objeto. Selecionar com as crianças os lápis de cor previamente.
4º Etapa	Desenvolver a primeira etapa novamente.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

É importante destacar que, as folhas entregues para as crianças realizarem as propostas continham nome, idade e data na parte de trás, para que ao analisar as produções com as crianças, fosse possível compreender o desenvolvimento das representações ao longo do tempo.

Para que a atividade tivesse significado e para que as crianças pudessem avaliar e qualificar os seus desenhos, os desenhos anteriores eram sempre observados pelas crianças e professora antes de realizar a próxima etapa, para que relembassem suas representações bem como, observassem os detalhes presentes ou falta deles.

Outro aspecto de suma importância durante o processo de representação, foi a exploração e o manuseio dos objetos e materiais, tais como: as lupas, pranchetas, canetinhas, lápis, a observação da árvore e da flor antes de desenhá-los, para que as crianças pudessem observar suas características, cores, texturas e formato, aprendessem a utilizá-los.

Os ambientes que foram montados para essas vivências, eram compostos com instrumentos que facilitaram a observação e o registro, como lupas, pranchetas e folhas. A

ideia da atividade era que, com o passar do tempo, as crianças encontrassem mais elementos que enriqueçam suas representações com detalhes, dessa forma, com a investigação gráfica foi possível observar as mudanças presentes nos desenhos feitos em cada etapa.

No final do processo, foi feita uma roda de conversa com o grupo, as quatro crianças que apareceram durante este trabalho, para que pudéssemos observar novamente os desenhos, bem como levantar hipóteses, afirmações acerca das aprendizagens adquiridas e das mudanças presentes nas representações elaboradas por eles.

Ao final das oito etapas, reuni os desenhos produzidos pelas crianças como um pequeno livro, que foi entregue para as crianças, esse foi constituído pelas representações e por fotos das crianças realizando as propostas.

4 APRESENTAÇÃO DAS INVESTIGAÇÕES GRÁFICAS

Para a construção do trabalho, optou por iniciar apresentando o resultado final das quatro etapas do processo de investigação gráfica, sem cores e com cores, pois nas sessões seguintes, abordarei tópicos específicos sobre aspectos observados e as aprendizagens obtidas por mim e pelas crianças que participaram da pesquisa tornando mais fácil ao leitor visualizar esse processo.

Figura 2 - Propostas realizadas sem cores (Joaquim)

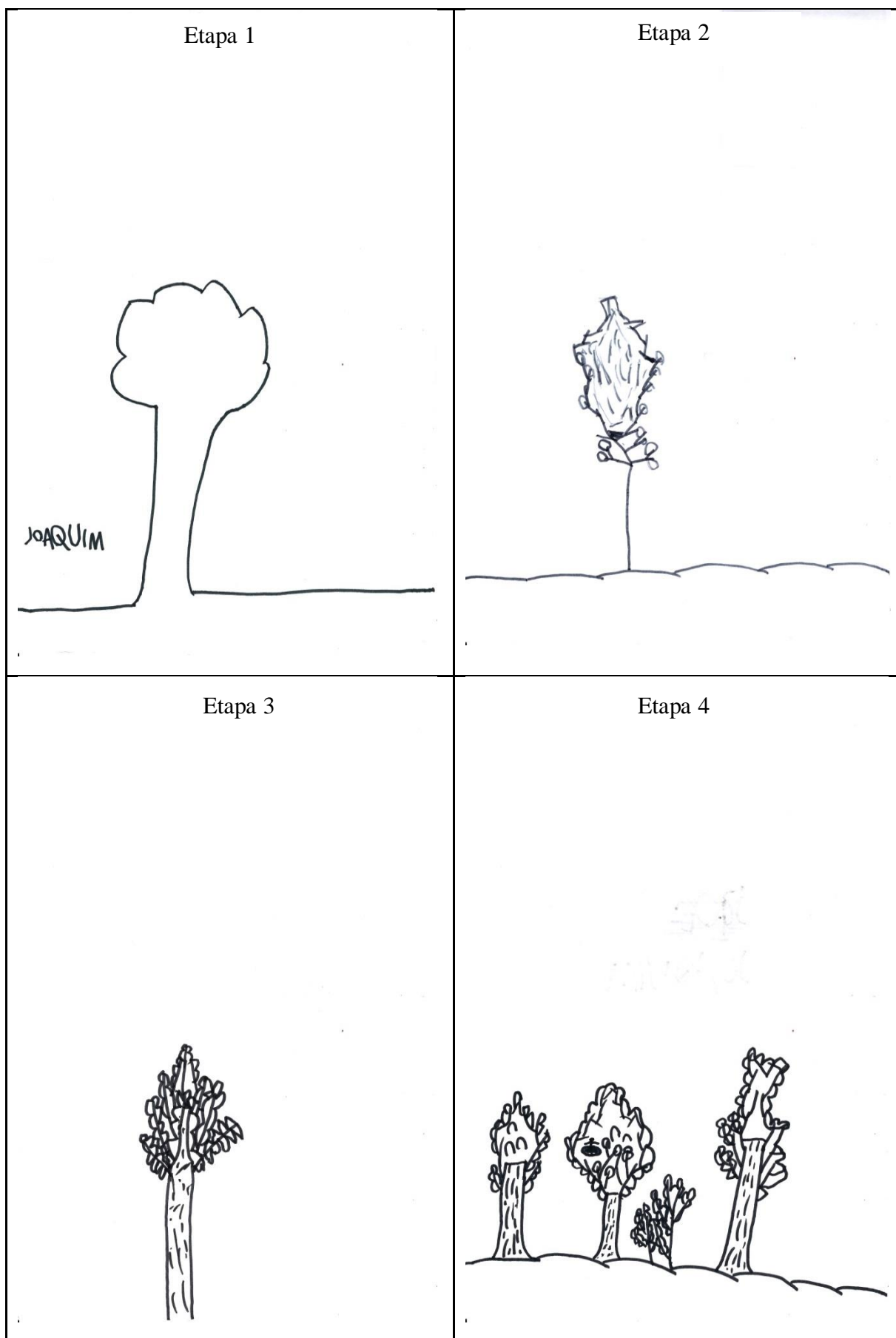


Figura 3 - Propostas realizadas sem cores (Gustavo)

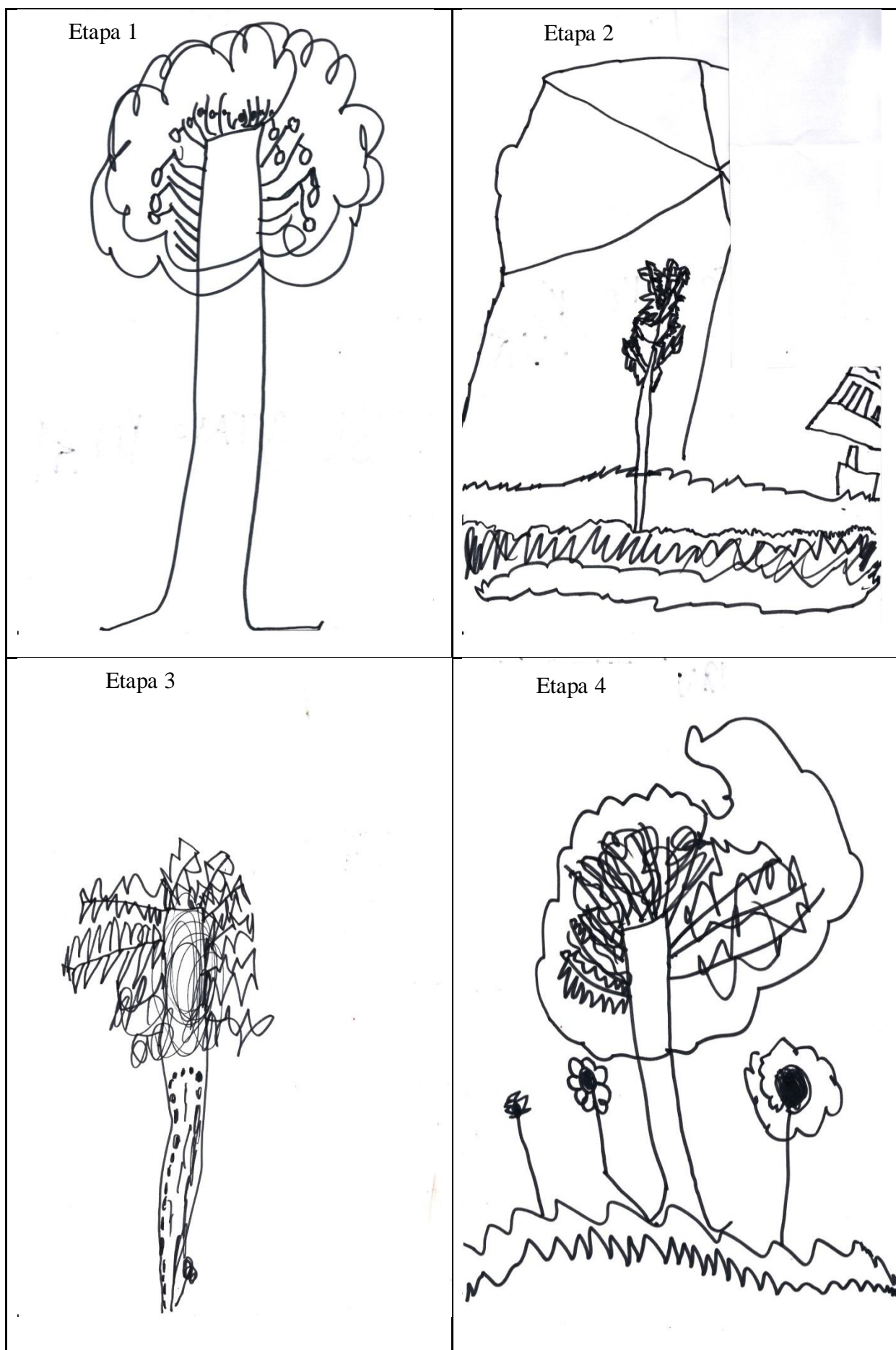


Figura 4 - Propostas realizadas sem cores (Eloah)

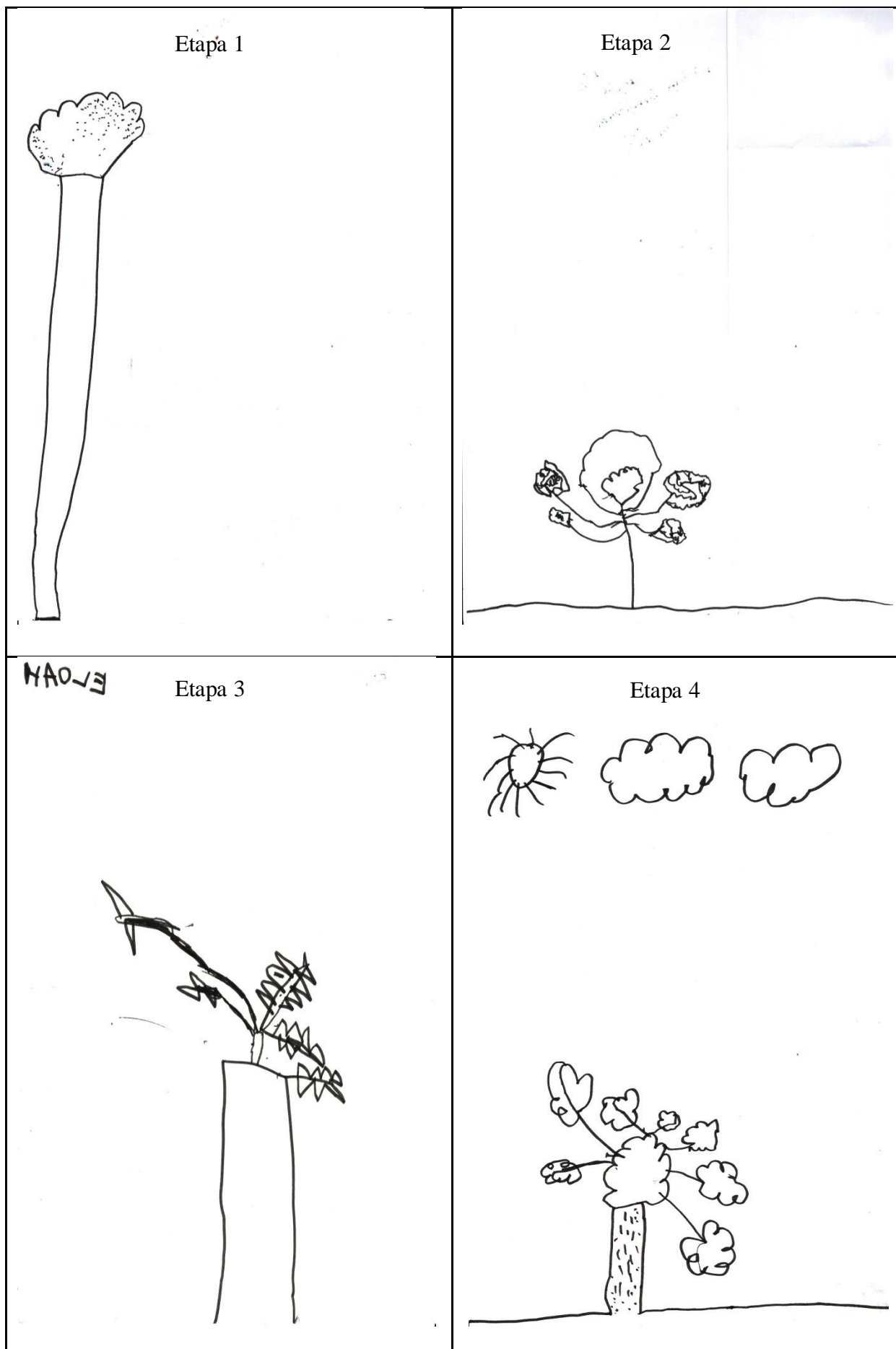


Figura 5 - Propostas realizadas com cores (Joaquim)

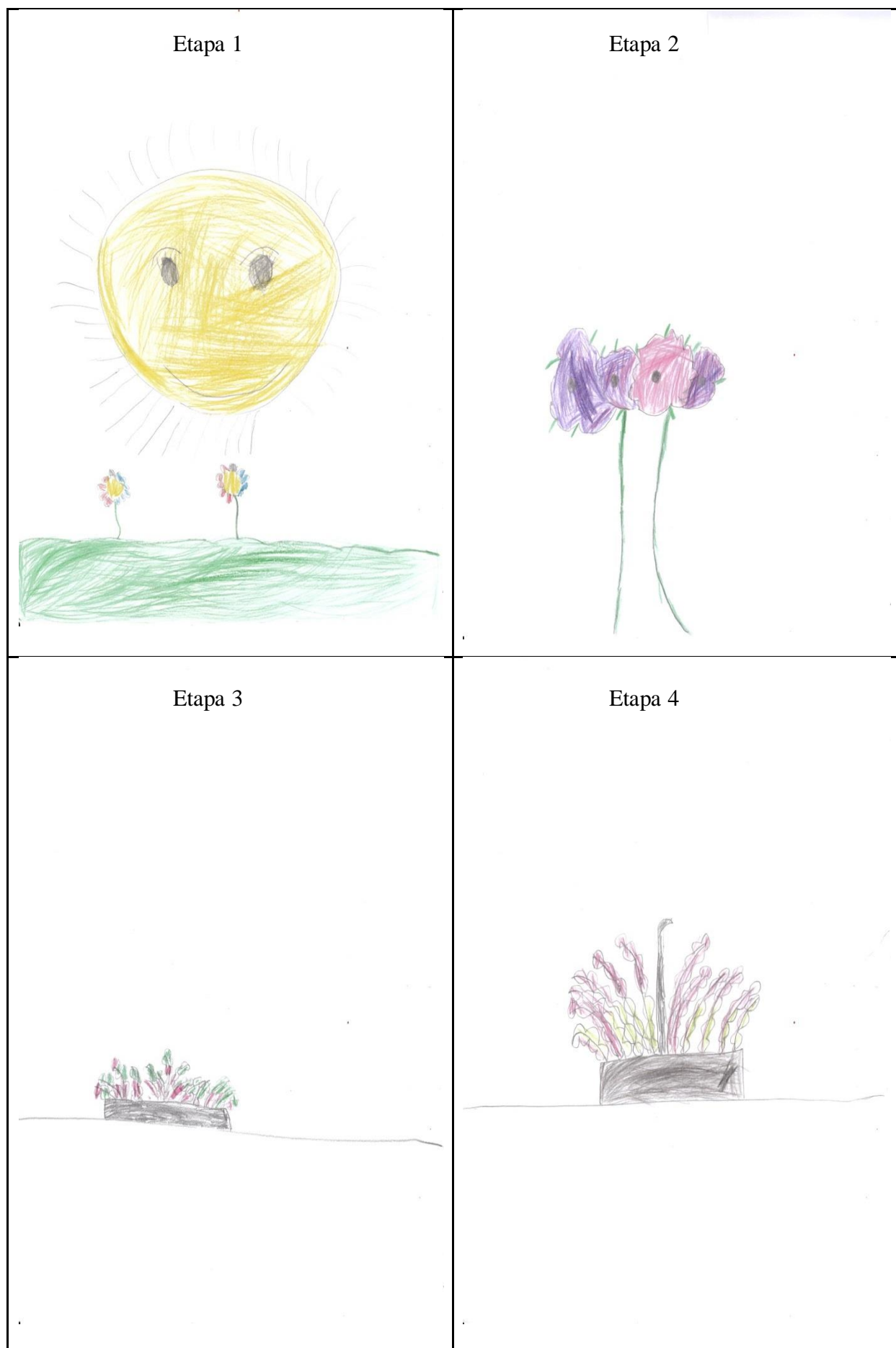


Figura 6 - Propostas realizadas com cores (Gustavo)

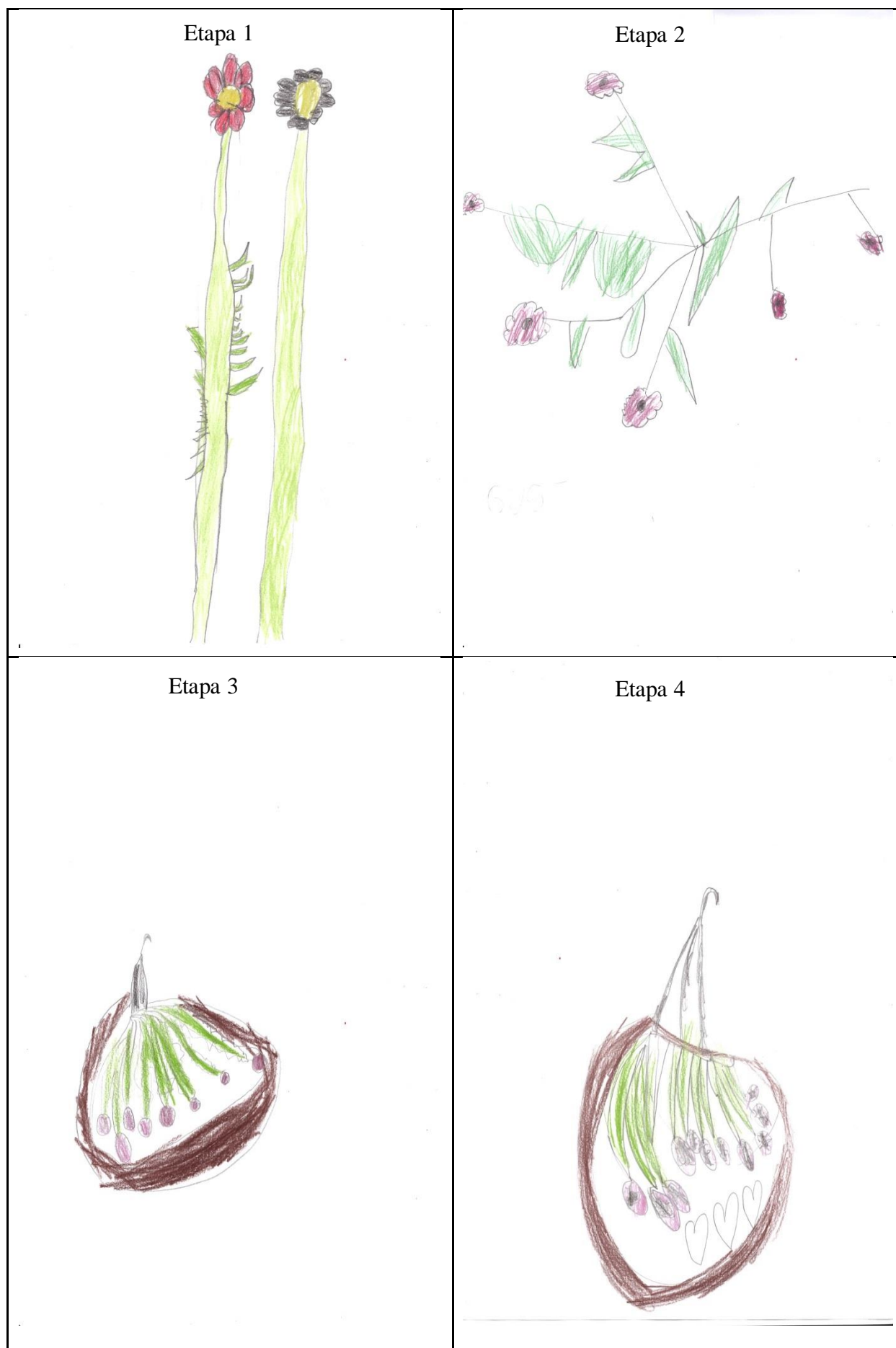
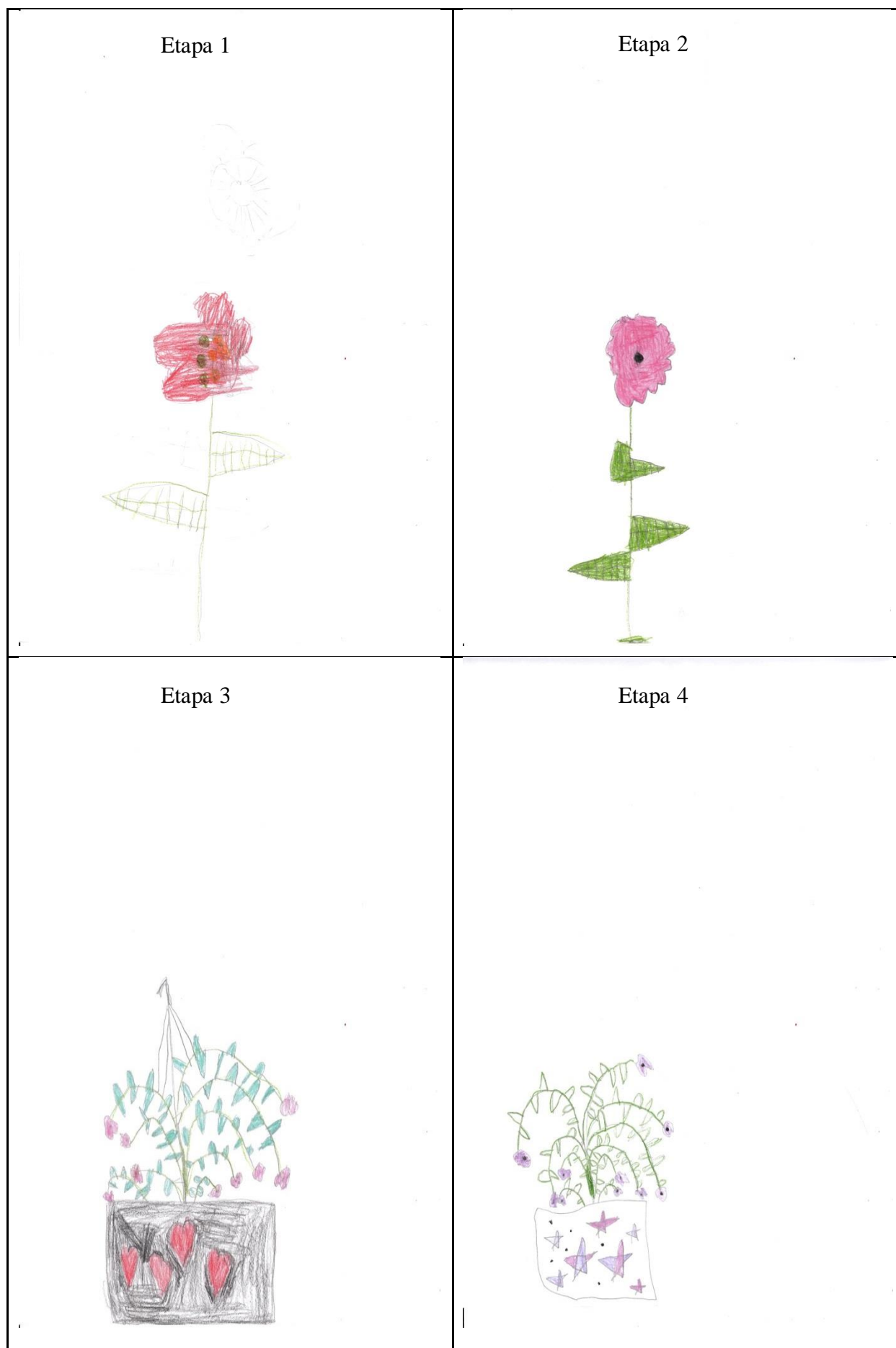


Figura 7 - Propostas realizadas com cores (Gabrielli)



5 APRENDIZAGENS DOCENTES: RESSIGNIFICANDO CONCEPÇÕES SOBRE O DESENHO

A primeira proposta realizada com as crianças do primeiro ano, foi o desenho de uma árvore, utilizando apenas canetinha preta e o desenho de uma flor, onde eles poderiam colorir da forma que achassem melhor.

Antes de iniciar as propostas com as crianças, expliquei para elas como funcionaria a atividade, que ela era composta de etapas e que eles desenhariam mais de uma vez, bem como, esclareci para as crianças o que faria com esse trabalho, pois entendo que precisamos tratar as crianças e as propostas que serão realizadas com clareza.

Quando as crianças terminaram seus desenhos nesta etapa da investigação, questionei como tinha sido fazer o solicitado, se foi fácil ou difícil. Algumas falas como “isso é muito fácil profe” e “eu não sei desenhar” estiveram presentes, mesmo explicando que eles poderiam fazer a representação da forma que queriam.

A partir destas colocações das crianças, logo comecei a analisar que as crianças que disseram não saber como desenhar a árvore ou a flor, acredito que esperavam mais instruções sobre o desenho, porque normalmente, os professores tem o hábito de dizer o que as crianças devem desenhar ou pedir que eles acrescentem mais aos desenhos, e de certa forma, as crianças estão se acostumando a criarem desenhos pela perspectiva dos adultos.

Derdyk (1994, p. 54) aponta que o educador precisa “[...] levantar algumas questões referentes a atitude do adulto frente ao resultado do trabalho realizado por crianças: suas projeções, suas exigências, sua medida de sucesso e fracasso”, desta forma, precisamos buscar compreender o que as crianças estão querendo dizer e representar com seu grafismo, pois as vezes, acabamos nos intrometendo e levando em consideração aquilo que nós acreditamos tornar o desenho melhor, e esta atitude pode frustrar as crianças.

O desenho da flor e da árvore me propiciou observar que as crianças de certa forma, buscam fazer suas representações da forma mais perfeita possível, pois percebi em alguns trabalhos as marcas do desenho do primeiro plano apagado, e por cima a nova representação que julgaram ser a melhor. Brittain e Lowenfeld (1977, p. 35), abordam que “Cada desenho reflete os sentimentos, a capacidade intelectual, o desenvolvimento físico, a acuidade perceptiva, o envolvimento criador, o gosto estético [...]”. E é por afirmações como estas, a

qual acredito profundamente, que devemos trabalhar nosso olhar e valorizar as representações dos pequenos, pois estes traços carregam sentido, significado, expressão e o sentimento de cada um.

Na realização da segunda etapa da investigação gráfica, lembrei com as crianças o desenho que elas fizeram da árvore e da flor na etapa anterior, mostrei algumas representações dos colegas. Em seguida, cada criança recebeu uma folha com a imagem de uma árvore e de uma flor da escola, as propostas nesta etapa era que as crianças desenhassem uma árvore e uma flor como a da imagem.

Figura 8 - Imagem da árvore e das flores



Fonte: Fotografia registrada pela autora, 2022.

Em ambas as propostas, de início, as crianças já começaram a falar que seria muito difícil fazer o desenho daquela forma, mas mesmo assim, as incentivei e expliquei que cada um poderia desenhar a partir da imagem da forma que conseguisse.

Como podemos notar nas representações já apresentados no início desse trabalho, os desenhos se aprimoraram significativamente da primeira etapa para a segunda. Desenhar a partir da imagem proporcionou as crianças representarem os objetos por outra perspectiva, o desenho que antes era estereotipado e simples, agora deu lugar a novos formatos, tamanhos e detalhes.

A experiência educativa está vinculada de modo intrínseco com a aprendizagem e pode ser considerada como uma experiência inteligente, capaz de ampliar os conhecimentos, enriquecendo o espírito, caracterizando significações mais expressivas [...] (SANS, 2007, p. 30).

Ao analisar e comparar, o primeiro e o segundo desenho das quatro crianças participantes do trabalho, me fez perceber como eles são capazes e se dedicam a representar da melhor forma que conseguem, visto que, alguns desenhos ficaram muito parecidos com a imagem apresentada.

Importante lembrar que, nesta parte da investigação além de desenhar a flor a partir da imagem, as crianças precisavam selecionar as cores que apareciam na imagem. A partir de uma conversa ao observar a foto, as crianças decidiram que as cores que eles deveriam utilizar eram rosa, roxo, preto e verde. Rosa e Roxo, porque foram as duas cores observadas nas pétalas, o preto era respectivo ao miolo e o verde, era característico das folhas que compõe esta flor.

Figura 9 - Realce das cores da flor no desenho



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

Ter uma base inspiradora para desenhar, fez com que estes participantes representassem os objetos apresentados por outras perspectivas e o fato de apresentar a imagem real de uma árvore e uma flor, que fazem parte do ambiente onde eles frequentam

diariamente, fez com que eles se desafiassem a representar de forma que ficasse o mais parecido possível.

Sans (2007, p. 95) afirma que o professor “[...] deve ser capaz de conduzir novas alternativa de ensino e estar em sintonia com o aluno, a fim de incentivá-lo a criar, a se expressar, a compreender a Arte e a cultura em que está inserido e ter discernimento sobre o mundo em que vivemos”. Por isso, a importância de trazer elementos da sua realidade neste processo de apropriação e desenvolvimento do grafismo.

O ato de se desafiar, é o que torna o processo mais significativo em cada etapa do processo de investigação gráfica. Pois, as exigências vão aumentando, fazendo com que eles se esforcem a partir de diferentes posições, novas formas de imaginar, criar, desenvolver e se arriscar para que as produções fiquem mais parecidas com o que é almejado por eles mesmo no processo de criação.

Na terceira etapa da investigação gráfica as crianças foram levadas até o parque da escola para desenhar a árvore e ao laboratório da escola para reproduzir a flor. Desta vez, elas representaram a partir do objeto. Utilizando lupas, pranchetas, canetinhas pretas, lápis coloridos e folhas, as crianças tiveram a oportunidade de representar a árvore e a flor após observar, tocar e experienciar o objeto.

É importante mencionar que, nas duas investigações busquei trazer elementos os quais fazem parte do dia a dia das crianças, para que elas também possam enxergar com outros olhos estes detalhes que permeiam seu cotidiano.

Na nossa última etapa da investigação gráfica, as crianças foram convidadas a observar suas sequências de desenhos e mostrar para os colegas. Enquanto elas mostravam suas criações, questionava elas sobre as mudanças que elas observavam em cada etapa do trabalho.

Após nossa roda de conversa e levantamento das mudanças observadas nos desenhos, convidei os participantes para realizarem um último desenho sobre a árvore e a flor. Expliquei que após observarmos tantas mudanças e detalhes, os quais aprendemos e acrescentaram nossos desenhos, agora eles precisavam desenhar novamente aqueles objetos.

Ao analisar alguns desenhos desta última etapa, percebi que a memória e assimilação das crianças referentes aos outros desenhos já criados, fez com que, algumas continuassem a desenhar o mesmo ou parecido formato de árvore representado na primeira etapa, bem como,

algumas associaram as características do desenho da terceira etapa com a quarta etapa e acrescentaram novos elementos. Derdyk (1994, p. 78) nos mostra que a memória “[...] propicia um ato criativo. Ela não é somente restauração e repetição. A memória resgata lá do fundo da gaveta reminiscências que se tornam novos repertórios para novas associações”.

É importante destacar que o objetivo deste trabalho não é julgar certo ou errado nas representações das crianças, mas compreender a forma como transmitem suas formas de pensar e imaginar através do ato de desenhar. Bédard (1998, p. 57) ainda afirma que “Os desenhos permitem-nos incrementar consideravelmente nossos dados sobre o temperamento, o caráter, a personalidade e as necessidades da criança. Assim, ajuda-nos a descobrir e a reconhecer as diferentes etapas pelas quais atravessa”.

Neste processo de construção do grafismo, o papel do professor é propor atividades em que os sujeitos podem descobrir novas utilidades para aqueles materiais e novas formas de representar o que é solicitado. Rangel (2014, p. 18) afirma que “as crianças devem ser desafiadas a explorar esses materiais em todas as suas possibilidades”, pois é explorando que ela passa a conhecer, e não simplesmente fazendo algo só por fazer.

Convido você, leitor, a voltar este texto e observar novamente a construção das quatro etapas de cada desenho representado pelas crianças. Observe atentamente os detalhes, as cores, as formas e formatos para refletirmos juntos.

O que consigo observar e compreender ao analisar estas sequências de desenhos? Que precisamos ampliar o repertório de ideias das crianças. Que elas são sujeitos criativos e potentes, conhecem e aprendem a partir de novas possibilidades. Derdyk (1994, p.20), afirma que “A vivência é a fonte do crescimento, o alicerce da construção de nossa entidade. Fornece um leque de repertório, amplia a possibilidade expressiva”.

Por isso, os professores precisam desacomodar e proporcionar momentos instigantes e investigativos, para que as crianças aprendam por outras perspectivas, pois exigir o mesmo desenho de todas as crianças não é colocá-los como sujeitos protagonistas e ativos na construção de saberes.

Ainda sobre esse assunto, trago esta citação de Derdyk (1994, p. 68) a qual acredito se encaixar muito bem com a proposta de investigação gráfica realizada, com uma turma do primeiro ano do ensino fundamental:

É patente o empobrecimento da expressão gráfica quando a criança passa pelo processo de alfabetização, principalmente, quando não há um respaldo que dê garantias para a continuidade da experimentação gráfica, fatos estes que nos levam a refletir sobre o funcionamento de nosso sistema educacional. A escola é o agente transmissor cultural. A necessidade de organizar o conhecimento, para poder comunicá-lo, muitas vezes torna o próprio conhecimento compartimentado, classificatório e redutor. A escola, porta-voz, de uma visão do mundo, pode subliminarmente aprisionar a capacidade de a criança perceber e compreender o mundo por si mesma: este lhe é dado, apresentado e assinado.

Espero, que após as crianças se desafiarem a desenhar uma flor e uma árvore por outra perspectiva, esse trabalho tenha ajudado significativamente os sujeitos nessa construção dos símbolos pictóricos e no repertório de desenhos, que precisa e pode ser ampliado.

A arte, tal como a entendo, não tem como objetivo apenas representar o mundo, espelhá-lo, duplicá-lo. Ela está declaradamente em busca de inventar mundos possíveis, dar visibilidade ao invisível, desembaçar nosso olhar tão acostumado, rendido às uniformidades. Acaba nos dando pistas para pensar o mundo, nossa existência incluída nesse mundo. Fica azucrinando nosso pensamento, nos forçando a exercitar nossa sensibilidade, a aguçá-la (PRECIOSA, 2005, p.55).

Precisamos enxergar os desenhos infantis com outros olhos, pois não são meros passa tempo ou simples registros de uma atividade mal programada. São ricas possibilidades de crescimento, conhecimento, representação, expressão e desenvolvimento.

O desenho estabelece a ligação entre o mundo objetivo e a imaginação, entre a realidade e o sonho. Entre o universo individual e o universo social.

Ferreira Gullar

5.1 OS ESTREÓTIPOS PRESENTES NOS DESENHOS

Como já mencionado no início deste trabalho, as investigações gráficas dos dois objetos foram realizadas com as vinte e duas crianças da turma, mas optei por escolher um grupo de quatro crianças, as quais são: Joaquim, Gustavo, Eloah e Gabrielli, para abordar com mais frequência nos relatos e na realização da análise dos seus desenhos.

Analisando o conjunto de desenhos, a primeira observação o que chamou atenção foi o desenho estereotipado da árvore e da flor. Ao analisar os desenhos, em muitos casos, as árvores apareceram com a mesma copa arredondada, embora os troncos foram desenhados de diferentes formas. Enquanto as flores, em vários casos apareceram com os formatos arredondados e contendo muitas pétalas. Sans (2007, p. 99), relembra que “[...] desenhos estereotipados são aqueles criados pelo adulto e passados como modelos às crianças por serem fáceis de ser desenhados [...]”.

Figura 10 - Desenho estereotipado de flor do Gustavo e da árvore do Joaquim



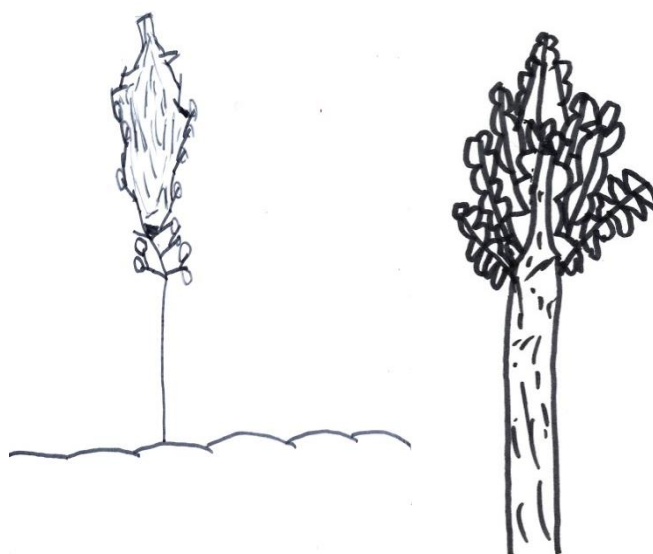
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

Esta observação me faz concordar com uma frase de Derdyk (1994, p. 130) onde fala que ao “Ativar as conexões entre a produção gráfica infantil e a artística afirma a necessidade latente na busca de repertório e campo simbólico”. Afirmando novamente, a necessidade de trabalharmos o desenho como fonte artística e enriquecedora do repertório infantil, para que cada vez menos, possamos encontrar esses desenhos estereotipados nas representações dos pequenos.

Observando os novos desenhos produzidos na segunda e terceira etapa, ao compará-los com os anteriores, confesso que fiquei realmente admirada. Nitidamente conseguimos perceber como os desenhos ganharam traços reais, a preocupação das crianças em desenhar o mais parecido possível, mesmo cada uma fazendo da sua forma.

A terceira representação ganhou troncos diferentes, galhos, folhas com novos formatos e texturas. Os grafismos da árvore que antes eram apresentados com frutos, gramado ou chão, com troncos retos e folhas arredondadas deram lugar a estes traços mais seguros e convictos daquilo que estavam fazendo, e ter o objeto em sua frente, contribui profundamente para que isso acontecesse. “Tudo quanto pudermos fazer para estimular a criança no uso sensível dos seus olhos, ouvidos, dedos e do corpo inteiro servirá para enriquecer sua reserva de experiências e ajudará em sua expressão artística” (LOWENFELD, 1977, p.128).

Figura 11 - Desenho da árvore do Joaquim na segunda e terceira etapa



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

Figura 12 - Desenho da flor do Gustavo na segunda e terceira etapa



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

Uma rápida olhada para esses desenhos, nos faz perceber, a importância de apresentar e trabalhar o real com as crianças. O quanto é fundamental apresentar diferentes propostas de desenhos para eles, mostrar que podemos aumentar nossas possibilidades sobre o ato de desenhar e tornar estes, mais enriquecidos de detalhes realistas.

Sans (2007, p. 41) afirma ainda que

O desenho infantil necessita, urgentemente de apoio dos adultos para que as crianças não parem de desenhar antes da adolescência, por ser um meio natural e eficaz de desenvolvimento de muitas propriedades, inclusive, por desenvolver a criatividade como um componente importante para a vida de modo geral.

Precisamos mostrar para as crianças que nem toda árvore é marrom e verde, com frutos, com um tronco largo e folhas arredondadas, para que elas compreendam isso, temos que apresentar novas formas de enxergar os objetos, de tocá-los e experiênciá-los para que possam conhecer o real e aprendam a criar desenhos com outras formas.

A questão dos estereótipos, também apareceram nos desenhos da flor. Onde as flores de certa forma, apareceram padronizadas, pois ambas possuem um miolo redondo, rodeado de muitas pétalas, também arredondadas.

Cunha (2014), aborda que, muitos adultos deixaram a linguagem dos desenhos para trás quando começaram o processo de alfabetização, pois nesta etapa escolar, sabemos que a escrita é mais valorizada do que as outras linguagens e formas de expressão. Devido a esta interrupção no processo do grafismo, fixaram-se formas estereotipadas de representar uma casa, uma árvore com frutos, as flores, o sol, as pessoas e etc., tornando esse repertório de elementos pictóricos mais reduzido.

Por sua vez, essas formas são repassadas às crianças de várias maneiras como nas decorações das salas de aula, quando as crianças pedem que o adulto desenhe algo, ou quando o professor faz correções nas produções infantis do tipo: “Fulano, não vê que a árvore é verde? Onde está o corpo desta pessoa? Estou vendo que os braços e pernas saem da cabeça...”. Assim, as crianças, desde muito cedo, incorporam os estereótipos e deixam de construir sua própria linguagem, passando a reproduzir e a consumir imagens estereotipadas e impostas pelos adultos (CUNHA, 2014, p. 14).

Uma das coisas que me chamou a atenção no desenho do Gustavo, na segunda etapa do desenho da flor, foi o fato dela não ter sido representada plantada no solo, não se liga com um caule e nem um gramado, pelo contrário apenas está representada em um espaço da folha.

A flor que serviu como objeto da investigação gráfica, não está no gramado da escola e não possui um caule reto sustentando-a, e era isso que gostaria que eles compreendessem quando levei o objeto para ser desenhado.

Com o passar das etapas da investigação gráfica, analisei também que estes desenhos que na primeira vez eram estereotipados foram ganhando diferentes detalhes e característica. As flores que antes apareciam representadas em um gramado, foram sendo representadas em um vaso que fica pendurado, assim como o objeto apresentado, bem como a árvore, que ganhou mais galhos, folhas e até representação de textura.

Analisando os desenhos de outras crianças da turma, percebi que algumas fizeram o grafismo no centro da folha e mesmo assim, desenharam um chão para a flor e a árvore. Por isso, a importância de apresentar novos objetos, pois para que a criança evolua seu vocabulário gráfico ela precisa ser apresentada a novas realidades, como por exemplo, a de enxergar uma flor e perceber que nem todas nascem em um gramado verde. Cunha (2014, p.30) afirma que “É nesse fazer e no pensar sobre esse fazer que a criança constituirá sua linguagem”.

Preciso ressaltar que, algumas crianças continuaram representando como estava presente em sua memória, na primeira etapa, quando solicitei o desenho de uma flor e de uma árvore. Algumas preferiram não arriscar mudando suas concepções, enquanto outras se dedicaram para que o grafismo ficasse o mais parecido com o real. Mesmo assim, devemos valorizar o trabalho feito por elas, pois não podemos cobrar para que as representações fiquem da forma como nós, adultos, imaginamos, mas que fiquem do agrado da criança. Sans (2007, p.104) conclui que “Ao desenhar, a criança descobre e cria suas próprias normas, em uma íntima relação do ver, do saber e do fazer”.

Temos que entender as propostas as quais nós, professores, levamos para as crianças nem sempre são bem aceitas por todas elas. Estes momentos devem servir como instrumentos para repensarmos a prática e a abordarmos de outras formas, não um motivo para decepção e não proporcionar mais momentos como esse para elas. García (1992) aponta que, precisamos nos tornar professores reflexivos sobre nossa prática, pois assim, mudamos nosso pensamento e nossa ação.

Trabalhar com essa proposta de investigação gráfica, fez com que algumas crianças mudassem significativamente suas produções. Quando volto a observar os primeiros grafismos para os últimos, percebo que as árvores simples e padronizadas ganharam detalhes mais parecidos com os reais, e as flores que antes eram arredondas e cheias de pétalas, com um caule reto plantadas em um jardim, nesta última etapa apareceram plantados em vasos, em arranjos, com pétalas e folhas de diferentes formatos, com um jogo de cores que foi além de uma tonalidade. Outro aspecto da investigação gráfica com cores, foi o cuidado que as crianças tiveram em pintar o mais fiel possível a fotografia e ao objeto, fazendo um jogo de cores para encontrar as tonalidades almejadas.

5.2 O TAMANHO DAS REPRESENTAÇÕES

Entre os aspectos que foram chamando atenção ao analisar as produções infantis, o tamanho das representações foi um detalhe que também chamou atenção.

Analisando alguns desenhos, no geral, percebi que as crianças não tem muita percepção do espaço da folha. Antes de iniciar as atividades, explicava para as crianças que a folha era grande e por isso, poderiam utilizar todo o espaço para representar o desenho

solicitado. Mesmo com a explicação, observei que a maioria das crianças desenhou uma árvore ou flor pequena.

Derdyk (1994), nos mostra que o reconhecimento do espaço para desenhar é uma construção que as crianças fazem com o passar do tempo. Quando são pequenas riscam a folha toda ultrapassando os limites, depois aprendem que o desenho precisa permanecer dentro do espaço, começam a fazer representações menores e depois vão compreendendo qual o melhor tamanho para suas representações. “O papel, que antes não possuía frente, verso, em cima, embaixo, agora oferece esses referenciais, que permitem à criança ordenar e organizar os elementos gráficos” (DERDYK, 1994, p.81).

O fato dessas crianças terem vivenciados dois anos de pandemia, praticamente um ano inteiro em casa e no ano seguinte frequentando a escola a cada quinze dias, faz-se refletir que elas chegaram ao primeiro ano do Ensino Fundamental com algumas lacunas que deveriam ter sido vividas na Educação Infantil e de certa forma, agora, esta falta, está aparecendo. Afinal, eu mesma presencio na minha turma, crianças que ainda não conseguem segurar corretamente o lápis, tem dificuldades de manusear a tesoura e colorir os espaços destinados.

Esta realidade certamente é vista por outros professores, não podemos fingir que não estamos enxergando, por mais que a maior cobrança é ver as crianças do ensino fundamental alfabetizadas, elas precisam de uma base sólida para trabalharmos outras aprendizagens e promover atividades que também desenvolvam estes aspectos, são fundamentais na nossa atual realidade.

Observando o primeiro desenho com cores do Joaquim, pude refletir que, ele percebeu que suas flores estavam pequenas, e para utilizar o restante do espaço do papel, resolveu acrescentar um elemento grande, o sol. “O desenho se completa no olhar do desenhante que confronta, analisa, imagina, projeta [...]” (DERDYK, 1994, p. 130).

Figura 13 - Desenho da flor do Joaquim na primeira etapa



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

As crianças aprendem aos poucos a utilizar o espaço da folha, bem como, em alguns momentos escolhem um lado que define ser melhor para suas criações, as vezes mais à direita do papel, as vezes à esquerda e as vezes no centro. Bédard (1998, p. 15) afirma em seu livro de psicologia educacional intitulado “Como interpretar os desenhos das crianças” que:

O centro do papel representa o momento atual, todo desenho situado no meio da página revela-nos que a criança está aberta a tudo o que ocorra ao seu redor. Normalmente este tipo de criança não vive ansiedades nem tensões. Ao contemplar os acontecimentos passados ou futuros, não sente inquietude nem alguma insegurança.

Analisa ainda que, no momento em que a criança passa a desenhar ocupando apenas o lado esquerdo do papel está representando com pensamento no passado e quando sua preferência é utilizar o direito da folha está representando com uma tendência de pensamento no futuro (BÉDARD,1998).

Embora trouxe este recorte no texto, é válido afirmar que, o objetivo da pesquisa não é considerar a psicologia dos desenhos, e sim, mostrar as aprendizagens construídas pelas crianças no decorrer da proposta de investigação gráfica no ambiente escolar, através do meu olhar como pesquisadora e professora que atua nesse ambiente a cinco anos e possui um profundo desejo de ressignificar suas ações pedagógicas com as crianças.

5.3 RELAÇÕES COM OS RECURSOS GRÁFICOS

Para que as crianças pudessem realizar a terceira etapa das duas investigações gráficas, da flor e da árvore, em ambos os casos, organizei o ambiente e compus com alguns materiais como folhas, pranchetas, lupas, canetinhas e lápis de cor, para auxiliar nas suas observações e investigações perante o objeto.

O que percebi de início? Lupas e pranchetas são um ótimo material para utilizar com as crianças e que deveria estar presentes no seu dia a dia. Sabemos que, principalmente as lupas, não são oferecidas com frequência, pois temos medo que as crianças acabem quebrando e se machucando, mas precisamos refletir que, as crianças só aprendem a manusear um objeto se elas tem contato com ele, por esse motivo a importância da continuidade com diferentes materiais, do diálogo e principalmente, na confiança e credibilidade que depositamos nas crianças.

Utilizar as lupas para esses desenhos, certamente tornou ele mais enriquecido, não só pelos detalhes que foram representados, mas pelas indagações que as crianças faziam ao observar os objetos.

Algumas crianças não sabem como manusear uma lupa, neste momento também serviu de aprendizagem. As lupas ampliaram os detalhes que não conseguíamos ver nas fotografias, enquanto eles realizavam o desenho, várias vezes se levantavam do lugar, observavam novamente, e logo voltavam a desenhar.

Desenhar é isso! É tempo! É interesse! É possibilidade! É desafio! E essa investigação foi um processo, um processo rico, que merece ser reconhecido como um todo, e não apenas valorizado como produto final. Richter (2014, p. 100) afirma que “Criar é sempre complexificar, coordenar, combinar de forma nova a partir de uma provocação. Na construção

de noções, não basta apenas que a criança desenhe, pinte ou modele. Há que manipular e explorar, tendo em vista a satisfação prazerosa de uma intenção, de uma interrogação”.

Por isso, precisamos de mais momentos como esse no cotidiano da escola. Para todos, indiferente do ano escolar, porque muitos jovens não sabem utilizar um material como a lupa, e provavelmente, não vivenciaram momentos como esse, que podem ser pensados e trabalhados de diversas formas e com vários temas. Ferraz e Fusari (2009, p.17) afirmam que “é preciso que organizemos nossas propostas de tal modo que a arte se mostre significativa na vida de crianças e jovens”. Bertasi (2019, p. 53), ressalta que:

Buscar a variedade de materiais, suportes e espaços nos planejamentos de desenho a serem propostos para as crianças é inevitável. Infelizmente, ainda vejo [...] propostas centradas apenas no giz de cera, na folha A3 e na mesa da sala de aula. Por consequência, as crianças ficam limitadas a experimentar apenas tais recursos e restritas a somente algumas explorações estéticas.

Organizar os materiais que utilizamos em nossas propostas pedagógicas é tão importante quanto elaborar a atividade. A forma como ofertamos os objetos, sua disposição e organização no ambiente e a liberdade concedida aos sujeitos para explorar estes mecanismos, aumentam as possibilidades de criação e criatividade de quem está vivenciando esse momento. Bertasi (2019), esclarece que se a escola investir cada vez mais em propostas diferenciadas, as crianças terão mais oportunidade de qualificar e potencializar seus desenhos.

6 PELO OLHAR DAS CRIANÇAS: APRENDIZAGENS A PARTIR DOS SEUS DESENHOS

Esta parte da pesquisa foi desenvolvida para apresentar aos sujeitos protagonistas desse processo, suas aprendizagens e conversar com eles para registrar suas percepções sobre o processo. Reuni as quatro crianças que participaram do estudo, entreguei suas sequências de desenhos e solicitei que olhassem novamente suas representações. Dessa forma, cada criança teve a oportunidade de observar seus desenhos e demonstrar suas opiniões acerca do trabalho que haviam desenvolvido enquanto fazia alguns questionamentos.

A primeira criança que se propôs a falar sobre seus desenhos foi a Eloah. Iniciei nosso diálogo pedindo para ela apresentar o primeiro desenho, que era sobre a árvore.

ELOAH: Nesse desenho eu fiz essa árvore, é comprida e tem pintinhas.

ELOAH: Esse aqui não tem pintinhas e é bem pequeno. Afirmou, enquanto mostrava o segundo desenho sobre a árvore.

PESQUISADORA: Você lembra como precisava ser feito esse desenho?

ELOAH: Com a foto da árvore.

PESQUISADORA: Você acha que o seu desenho ficou parecido com a imagem?

ELOAH: Pra mim não ficou muito parecido.

PESQUISADORA: O que você acha precisava ter para ficar parecido então?

ELOAH: Tinha que ter as folhas iguais.

Ao pegar o terceiro desenho da árvore, logo exclamou:

ELOAH: Esse é bem mais diferente! Eu fiz mais grosso e maior (tronco) e as folhas são mais compridas.

Observou novamente os outros desenhos e afirmou:

ELOAH: Achei esse mais parecido com esse. Comparando o terceiro desenho e apontando para o desenho da segunda etapa.

PESQUISADORA: Porque esse é mais parecido?

ELOAH: Porque esse aqui é mais parecido com aquela foto.

Por último, pegou o quarto desenho e foi logo esclarecendo:

ELOAH: Esse tem mais coisas, é mais redondo, a árvore é mais fina, mas é mais bonita e tem mais galhos, esses risquinhos é porque ela é mais grossa, e porque o tronco da árvore não é liso.

(Transcrição de gravação – Análise dos desenhos feitos pelas crianças – jun. 2022).

Finalizei nossa conversa questionando se ela tinha gostado dos seus desenhos ou se mudaria algo, ela disse que não mudaria nada, relatou que faria todos daquela forma, exceto no primeiro desenho, o qual acrescentaria duas nuvens e um sol.

Cunha (2011) afirma que as leituras realizadas pelas crianças após suas produções são importantes, pois são “momentos em que elas entendam seus percursos na aquisição da linguagem gráfico-plástica, percebendo as mudanças que vão ocorrendo ao longo de seus processos [...]” (CUNHA, 2011, p.53).

A segunda criança a participar expondo seus desenhos e apontamentos, foi a Gabrielli. Relembrei com ela como foi fazer o primeiro desenho da flor:

GABRIELLI: Aqui você falou pra desenhar uma flor.

Seguiu mostrando os desenhos e pegou a segunda representação.

GABRIELLI: Aqui você pediu pra desenhar igual a foto.

PESQUISADORA: Você achou que o desenho e a foto estão parecidos?

GABRIELLI: Até que ficou parecida, mas a cor não.

PESQUISADORA: Porque a cor não ficou parecida?

GABRIELLI: Porque na foto era mais roxinha. Mas acho que é porque meu lápis não faz essa cor.

(Transcrição de gravação – Análise dos desenhos feitos pelas crianças – jun. 2022).

Uma das observações que mais chamaram a atenção durante a análise dos desenhos coloridos das crianças foi a mistura de cores que eles faziam, para se aproximar ao máximo da cor real do objeto. Podemos ver neste diálogo como a Gabrielli, que de certa forma, ela não se agradou com a cor que escolheu para colorir suas flores, esse foi um aspecto que ela mencionou quando questionei se ela mudaria algo em seu desenho.

Perguntei se eles lembravam da flor que mostrei para eles no laboratório para desenvolver a terceira etapa, bem como a imagem base para a segunda etapa da investigação gráfica. Eloah disse que sim, mas Gabrielli lembrou de um aspecto importante “Naquela foto a flor tava fora do pote e nesse desenho eu fiz dentro” apontando para o seu terceiro desenho.

Seguiu sua exposição e ao mostrar o último desenho logo exclamou:

GABRIELLI: Nesse aqui a flor ta mais caída. (Entendi que fez esta afirmação em comparação com o desenho da etapa anterior.)

PESQUISADORA: Que mudanças você acha que tem no último desenho da flor comparado com os outros?

GABRIELLI: Essa flor, é mais ... Tipo.... Círculo, e as folhas tem cor diferente, nesse é mais clarinho e nesse é mais forte. Essa foi a minha preferida, porque na cor ela tem um roxado puro.

PESQUISADORA: E você gostou de desenhar flores desta forma?

GABRIELLI: Sim, porque da mais trabalho e eu gosto quando da trabalho, vou desenhar mais vezes assim.

(Transcrição de gravação – Análise dos desenhos feitos pelas crianças – jun. 2022).

Gosto de ouvir estas narrativas, pois recorro a delicadeza da Gabrielli e a preocupação em encontrar as melhores palavras para transmitir suas ideias. As pausas durante a fala, os gestos, a simplicidade em mostra o seu ponto de vista, para que entendesse a importância que ela atribui no seu desenho e em encontrar as tonalidades certas para colorir e o deixar mais parecido possível com o objeto real. Diante o exposto, concordo e reconheço as colocações de Francischini; Fernandes (2016, p. 67), onde afirmam que “as crianças enquanto atores sociais, seres competentes, os quais participam ativamente nos diversos contextos em que estão inseridos, construindo significações sobre os objetos, eventos e acontecimentos de seu cotidiano”. De encontro com o apresentado por Clark e Moss (2014, p.8), também apontam que “[...] as crianças tem sua própria voz, digna de ser expressada e ouvida, e que, justamente por isso, a opinião delas deve ser levada seriamente em consideração”.

A próxima criança a expor seus desenhos foi o Gustavo, um pouco tímido e com poucas palavras, não quis comentar muito sobre seus grafismos. Mostrou o primeiro desenho da flor sem fazer nenhuma consideração. Pegou então o segundo desenho, reparei que ele não estava tão animado para falar como os demais colegas, então questionei como ele se sentiu fazendo os desenhos, olhando para a representação da segunda etapa ele disse:

GUSTAVO: Achei um pouco difícil a cor da flor tá diferente, não é tão parecida.

PESQUISADORA: O que você acha que a flor desse primeiro desenho tem de diferente no segundo?

GUSTAVO: Nessa a bolinha (miolo) é amarela e nesse é preto, e essa é maior essas é mais pequeninhas (Comparando os miolos das flores do primeiro e o segundo desenho).

GUSTAVO: E as folhas parecem com ... uns espinhos.

(Transcrição de gravação – Análise dos desenhos feitos pelas crianças – jun. 2022).

Percebi que após falar sobre os dois desenhos, ele começou a se sentir mais seguro em expor suas opiniões, no terceiro desenho, já foi logo dizendo: “Esse tem o vaso, o gancho e a cor das folhas é mais forte ... E o formato da flor nesse é mais redondo”- Gustavo. Explicou também para as outras crianças que a flor que apresentei para eles estava em um vaso com um gancho, e esse gancho “É para pendurar e enfeitar o lugar” - Gustavo. Observe como ele fez questão de desenhar o gancho.

Figura 14 - Desenho da última etapa da flor do Gustavo



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

Com o último desenho em mãos, Gustavo exclamou: “Esse desenho ficou mais grande que o outro. Agora as flores tão rosas e tem miolo. O caule também tá diferente é mais caído”.

Gustavo fez os desenhos da árvore, mas não quis apresentar e falar sobre eles para os colegas. Perguntei então se poderia ao menos, mostrar os desenhos para as outras crianças e ele concordou. Rapidamente enquanto mostrava seus desenhos ele disse:

GUSTAVO: Aqui é uma árvore com frutas. (Se referindo ao primeiro desenho.)

JOAQUIM: Esse outro tá bem parecido com a árvore da foto Gu.

ELOAH: É verdade!

PESQUISADORA: Gustavo, quando você olha para os seus desenhos eles lembram a árvore daqui da escola?

GUSTAVO: A da escola é maior profe, não cabe na folha.

As demais crianças riram e concordaram.

ELOAH: Pra ser igual da escola precisa de um papel gigante profe.

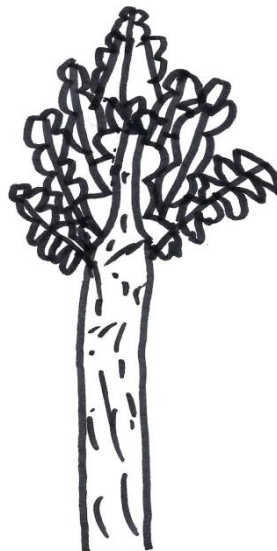
PESQUISADORA: É verdade! Mas se vocês quiserem, podemos tentar fazer uma árvore maior com papéis de outros tamanhos.

(Transcrição de gravação – Análise dos desenhos feitos pelas crianças – jun. 2022).

Acredito já ter uma próxima atividade para explorar o grafismo das crianças e que surgirá das investigações gráficas. É através de narrativas como estas, que compreendo que devemos valorizar as ideias e reconhecer os interesses das crianças para elaborar propostas significativas para os sujeitos.

A última criança a apresentar suas produções gráficas, colorida e sem cores, foi o Joaquim. Antes de escrever aqui, as observações que o Joaquim fez acerca do seu trabalho, gostaria de trazer uma passagem de quando ele estava fazendo o desenho da terceira etapa da investigação gráfica da árvore. Joaquim me chamou e disse: “Olha profe, essa parte da árvore não é lisa, tem uma textura escamosa”, fez esta referência sobre o tronco da árvore e fez questão de em seu desenho, representar essa textura.

Figura 15 - Árvore com textura do Joaquim



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2022.

As diferenças mais relatadas pelo Joaquim nos desenhos da árvore, foi o tronco. “Os troncos não ficaram parecidos. Aqui é mais fino e aqui é mais grosso. E essa árvore tá mais quadrada do que essa.” – Joaquim, comparando o segundo e o terceiro desenho.

Na quarta, e última etapa do desenho da árvore, podemos observar que o Joaquim fez quatro modelos de árvores.

PESQUISADORA: Joaquim, porque você desenhou mais árvores no último desenho?

JOAQUIM: Porque eu queria fazer mais tipos de árvores.

PESQUISADORA: E porque você fez de um jeito diferente cada uma dessas?

JOAQUIM: Porque as árvores não são iguais.

GABRIELLI: É profe, umas são bem grandes e outras pequenas.

PESQUISADORA: É verdade! E o que mais tem de diferentes nas árvores?

ELOAH: A cor, pode ser mais forte ou mais fraca.

GUSTAVO: Os galinhos.

(Transcrição de gravação – Análise dos desenhos feitos pelas crianças – jun. 2022).

Solicitei no final da entrevista que as crianças selecionassem entre os seus desenhos, aquele que eles escolheriam, se tivessem que representar os objetos novamente. Gustavo escolheu o desenho respectivo a segunda etapa. Joaquim, Eloah e Gabrielli escolheram os desenhos da quarta etapa do processo investigativo. Ou seja, na última etapa, onde após se desafiarem e conhecer novas formas de representar o mesmo objeto, precisavam colocar essas descobertas no papel desenhando novamente. Richter (2011, p. 79) aponta que “No crescente domínio da superação dos limites, vai constituindo o repertório possível e necessário para uma construção essencialmente comprometida com todas as possibilidades [...]”.

Durante cada etapa da investigação gráfica que fui realizando com as crianças, antes de iniciar os desenhos sempre conversávamos para que as crianças identificassem aspectos relevantes sobre o que iriam representar. Algumas das suas falas na entrevista, são apontamentos que já haviam sido feitos antes e que foram reconhecidos novamente na hora de falar sobre o assunto.

Expor seus pensamentos, conhecimentos e formas de pensar através das suas narrações torna a aprendizagem concreta. Muitas vezes enchemos as crianças de informações e técnicas diferentes nas propostas, mas não questionamos para compreender o que ficou de

aprendizado. Ao trazerem essas informações acerca de como podemos desenhar novamente estes objetos, acredito que agora as crianças têm ainda mais chance de ampliar seus símbolos gráficos, pois além de desenhar e observar, também tiveram a oportunidade de apresentar seus trabalhos e pontos de vista.

Proporcionar essas devolutivas das crianças tornou este processo mais significativo não apenas para elas, mas para mim enquanto pesquisadora, pois “as narrativas gráficas são frequentemente acompanhadas de processos de verbalização” (SARMENTO; TREVISAN, 2017, p. 22). Dessa forma, pude compreender como as crianças delimitam e fazem opções do que é melhor em suas próprias criações, enquanto alguns mudariam alguns detalhes de seus desenhos, outras afirmaram que aquela era a melhor forma de representar.

Precisamos de mais momentos como esses nas nossas rotinas da escola, momentos em que as crianças se expressam e são ouvidas. Narrativas como essas, são cheias de resultados e significados que merecem nossa atenção. Porque só o adulto dizer o que a criança aprendeu? Por que não ouvir suas aprendizagens? Será que aprenderam mesmo, quando somos nós quem falamos pelos sujeitos? E se não, o que faremos para mudar? Como criar rotinas em que eles tenham vez e voz ativa na sala de aula?

Algumas indagações e reflexões como essas, fizeram parte desse trabalho e que busquei responder abordando essas temáticas. Para algumas dúvidas ainda não tenho respostas, para outras, vou continuar buscando, mas o que realmente afirmo é que, se seguirmos no ambiente escolar, normativas (Base Nacional Comum Curricular, Lei de Diretrizes e Bases), que dizem que precisamos colocar as crianças como centro do processo de aquisição de conhecimento, sendo assim, não devemos ignorar suas narrativas, pensamentos e expressões, não podemos abordar no nosso trabalho diário apenas aquilo que julgamos ser o necessário.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar essa pesquisa através de uma investigação gráfica, me mostrou que as propostas pedagógicas que envolvem o ato de desenhar precisam ser melhor elaboradas pelos professores, pois as crianças necessitam ter contato com outras formas de representações, para que suas noções de desenho sejam ampliadas, construindo possibilidades e se desafiando a sair do padrão para representar o real.

Como nos diz Weisz (2009, p. 8) “Todas as crianças sabem muitas coisas, só que umas sabem coisas diferentes das outras.” Pude perceber, no desenvolvimento dessa pesquisa que, a turma participante desse trabalho, possui diferentes níveis de desenhos, enquanto algumas crianças fazem representações com poucos elementos, outras já enriquecem os desenhos com detalhes. Com o passar dos dias e das propostas da investigação gráfica, foi possível notar que essas crianças, já estavam se desafiando a representar o mais próximo da realidade os objetos apresentados.

É preciso compreender ainda que, o adulto deve policiar seus atos e falas diante dos desenhos das crianças. Julgar se esses símbolos pictóricos são certos ou errados é uma conduta que precisa ser analisada, pois quando o sujeito desenha está se expressando, por isso precisamos tocar este solo com delicadeza, de forma que nossas atitudes não inibam a criatividade dos sujeitos.

Outro fato que gostaria de ressaltar é que, essa pesquisa tinha como foco as crianças, sendo assim foram pensadas em estratégias que as tornassem sujeitos ativos nesse processo de construção desse trabalho, visto que, normalmente, as pesquisas que falam sobre as crianças, pouco as tornam presentes, diante disso espero que este trabalho também sirva de reflexão para outros pesquisadores, para encontrarmos cada vez mais formas de coloca-las como protagonistas.

É importante mencionar que, algumas propostas não saíram como imaginava, digo sobre os desenhos feitos pelas crianças. Infelizmente temos esse hábito de despejar nas crianças nossas expectativas. Notei que algumas crianças da turma não se sentiram tão atraídas pelas propostas de desenho e não se desafiaram a mudar seus grafismos. Sobre essas crianças que a proposta não instigou ou cativou, entendo que preciso repetir o processo, levar novos objetos, propor diferentes situações, pois as investigações gráficas são mecanismos de

trabalho que proporcionam ampliar o repertório pictográfico das crianças, e é justamente por esse motivo, que não posso abandoná-las e fingir que entenderam o processo.

Acompanhar o desenvolvimento das etapas da investigação gráfica, e posteriormente, analisar as representações, me fez compreender que as crianças expressam na superfície determinada, seus sentimentos naquele determinado momento, em outras vezes, busca em sua memória elementos que já estão familiarizados para criar as representações, por isso os estereótipos ou a repetição ficaram evidentes em mais de uma etapa em alguns desenhos.

Trazer nesse texto uma sessão dedicada ao grupo das quatro crianças que participaram da pesquisa, enriqueceu o que almejava com os resultados, visto que, suas narrativas e seus pontos de vista a cerca daquilo que eles mesmos criaram vai além do que esperava enquanto pesquisadora, é uma forma de reconhecer as aprendizagens construídas por eles mesmos ao realizar uma investigação gráfica.

Contudo, se os professores vivenciassem mais momentos assim com os desenhos, teriam mais conhecimento e experiência para propor atividades a cerca desse tema. Quanto mais conhecimentos adquirimos sobre as coisas, mais convicção e intencionalidade teremos para trabalhar nossas propostas. Afinal, a experiência se constrói do ato de fazer muitas vezes uma coisa, então que os professores também possam desenhar mais, se desafiar mais, investigar mais e se proporcionar a viver esses momentos, só assim eles se aproximaram das crianças e do encanto dos seus mundos imaginários.

Que sejamos professores mais criativos e autores da nossa prática, para propor menos atividades prontas para colorir e mais momentos onde os sujeitos podem demonstrar sua autoria, criatividade e forma de enxergar o mundo. As crianças são sujeitos repletos de capacidade e criatividade, nós precisamos proporcionar experiências em que elas possam expor e demonstrar seus conhecimentos. Compreendo o ambiente escolar, como Loss; Souza; Vargas (2019, p.69) nos apontam

Se compreendermos que educar as crianças é acompanhar, com atenção, os modos como se originam suas experiências e suas ações de conhecer o mundo, não há nenhuma dúvida de que a forma como organizamos a vida cotidiana nas instituições educacionais têm grande importância na formação das crianças.

Por último, mas não menos importante, convido os professores a aguçar seu olhar e sensibilidade com relação aos grafismos infantis, a valorizar as produções das crianças e todas as suas ações que permeiam o ato de desenhar, principalmente dar voz para suas narrativas e aprendizagens construídos ao longo desse processo, pois tocar esses mundos cheios de expressões, criatividade e imaginação requer compreensão, apreciação e respeito.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Rosângela Doin. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**. 2ª. Ed. São Paulo: contexto, 2003.
- BÈDARD, Nicole. **Como interpretar os desenhos das crianças**. 2. ed. São Paulo: Ed. ISIS, 1988.
- BERTASI, Andressa Thaís Favero. **Desenho narrativo na pré-escola: as crianças e seus pensamentos coloridos** / Andressa Thaís Favero Bertasi. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRITAIN, W. Lambert; LOWENFELD, Viktor. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. 1. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CLARK, Alison; MOSS, Peter. **Ascoltare i bambini: l'approccio a mosaico**. Italia: Edizioni Junior, 2014.
- COSTA, Veronica Devens. **O desenho da criança de cinco anos: investigando/refletindo as formas produzidas a partir de imagem da arte**. Dissertação (Mestrado em Educação). Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2015, 127 f.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da (org.). **As artes do universo infantil**. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.
- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1994.
- DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1989.
- FERRAZ, H. C. T.; FUSARI, M. F. R. **Metodologias do Ensino de Arte: Fundamentos e Proposições**. São Paulo: Cortez, 2009.
- FRANCISCHINI, Rosângela; FERNANDES, Natália. Os desafios da pesquisa ética com crianças. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.33, n. 1, jan./mar. 2016. p.61-69. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/tQcmpZvdxHH4Qd68VryJFb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 02 Jul. 2022.
- FREIRE, Madalena. A aventura de ensinar, criar e educar. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.). *Arte-educação e a construção do cotidiano*. Porto Alegre: Oficina de Arte Sapato Florido/Universidade da Região da Campanha/FA-PERGS, 1995. p. 105.

GARCÍA, C. M. A Formação de Professores: Novas Perspectivas baseadas na Investigação sobre o Pensamento do Professor. In: NÓVOA, A. (coord.). **Os Professores e sua Formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação e Educação Infantil**: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. Porto Alegre: Mediação, 2012.

KRAMER, S. Autoria e autorização: questões éticas da pesquisa com crianças. **Caderno de Pesquisa**: São Paulo, n.116, p.41-59, jul. 2002.

LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. **Infância e produção cultural**: Desenho infantil. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.

LINO, Dulcimarta Lemos. et al. **As artes do universo infantil**. In: CUNHA, Susana Rangel Vieira da (Org.). 3ª Ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

LOSS, Adriana S.; SOUZA, Flávia B.; VARGAS, Gardia M. S. Aprendizagem e experiência na Educação Infantil. In: LOSS, Adriana S.; SOUZA, Flávia B.; VARGAS, Gardia M. S. (Orgs.). **FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL**: aprendendo com as crianças sobre a docência na (s) infância (s). 1ed. Curitiba: CRV, 2019. p. 61-73.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LUQUET, Georges-Henri. **O desenho infantil**. Barcelona, Porto Civilização, 1969.

MÈREDIEU, Florence. **O desenho infantil**. São Paulo: Cultrix, 1989, p. 17.

PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PRECIOSA, R. **Produção Estética**: Notas Sobre Roupas, Sujeitos e Modos de Vida. São Paulo, Anhembi Morumbi, 2005.

SANS, P.T.C. **Pedagogia do desenho infantil**. 2 ed. Campinas: Alínea, 2007.

SARMENTO, Manuel Jacinto; TREVISAN, G. A crise social desenhada pelas crianças: imaginação e conhecimento social. **Educar em Revista**. Curitiba, n. 2, p. 17-34, set. 2017.

VASCONCELOS, Queila Almeida. **O Protagonismo Das Crianças Na Escola De Educação Infantil: Princípios, Abordagem E Sustentação**. 2021.

WEISZ, T. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2009.

ANEXO A – Termo de consentimento

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – CAMPUS ERECHIM TERMO DE CONSENTIMENTO

Aos pais e responsáveis

Durante o primeiro trimestre de 2022, realizamos a pesquisa, até o momento intitulada “AS INVESTIGAÇÕES GRÁFICAS E A APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS: O QUE OS DESENHOS PODEM NOS REVELAR?”, que tem como objetivo apresentar como as crianças constroem suas aprendizagens através do ato de desenhar, de forma que pretendemos com este trabalho qualificar o trabalho pedagógico realizado com as crianças. Os dados da pesquisa foram registrados através de anotações da pesquisadora, de uma sequência de quatro desenhos sobre um objeto e gravações de áudio das falas das crianças durante a observação dos seus trabalhos. O material coletado será utilizado para fins exclusivos do trabalho acadêmico de Conclusão de Curso.

Com este termo solicitamos sua autorização para usarmos os nomes próprios das crianças e seus desenhos na divulgação desta pesquisa, visto que consideramos importante essa marca de autoria dos sujeitos infantis em nosso trabalho. As pesquisadoras responsáveis por este Projeto de Pesquisa são a Professora Queila Almeida Vasconcelos, da Universidade Federal da Fronteira Sul, e a discente Alana Casagrande Sperotto, do curso de Pedagogia da UFFS.

Telefone para contato (54) 99617-5790.

.....

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____

autorizo que seja utilizado o nome próprio e os desenhos de

criança pela qual sou responsável, na divulgação de resultados da pesquisa “AS INVESTIGAÇÕES GRÁFICAS E A APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS: O QUE OS DESENHOS PODEM NOS REVELAR?”, coordenada pela Professora Queila Almeida Vasconcelos e acadêmica Alana Casagrande Sperotto. Pelo presente consentimento, declaro que as pesquisadoras colocaram-se a disposição para esclarecimento de quaisquer dúvidas que eu tiver durante a realização da mesma.

Erechim, _____ de _____ de 2022.

Assinatura do responsável: _____

Assinatura das pesquisadoras: _____

ANEXO B – Termo de consentimento das crianças

EU DEIXO VOCÊ USAR MEUS DESENHOS

GABRIELLI

Joaquim

ELOAH

GUSTAVO XUPJ